

Resolução Política

do

9.º Congresso do POM

**9, 10 e 11 de fevereiro de
2007**

Resoluções políticas do IX Congresso da Organização pela construção do Partido Operário Marxista como seção do Partido mundial da Revolução Proletária (POM).

Introdução

O capitalismo, em sua fase imperialista (última e superior), faz cada vez mais a humanidade caminhar para a barbárie social. Reflexo disso são guerras, fome e alastramento da miséria para milhões de seres humanos em todo o mundo.

O sistema capitalista tem por essência o lucro, que é garantido pela manutenção da propriedade privada dos meios de produção e pela exploração da mais-valia de milhões de trabalhadores no mundo inteiro. Ou seja, a concentração da riqueza nas mãos de uns poucos *magnatas* organizados nos grandes monopólios inerentes ao capitalismo é o fator responsável pela maioria dos males por que passa a humanidade.

A miséria produzida ao longo da história e do desenvolvimento do capitalismo atingiu dimensões tais que há um grande abismo entre o poder de consumo das massas e o potencial de produção existente. São esses aspectos que definem a crise de superprodução capitalista, fenômeno já apontado por *Marx* e *Engels* no Manifesto Comunista, de 1848. A raiz da crise de superprodução está relacionada ao fato de a produção ser coletiva e a apropriação ser privada.

Apesar de o capitalismo ter sido responsável por um enorme salto de

qualidade no desenvolvimento dos meios de produção, faz mais de um século que a exploração e contradição deste sistema o levou a esgotar sua capacidade de ampliar as forças produtivas, encerrando sua fase de expansão e atingindo a fase imperialista. Isto pode ser explicado pelo fato de o proletariado em geral-- maioria da humanidade e porção mais importante das forças produtivas -- ter suas condições de vida vorazmente atacadas pela grande burguesia e seu Estado capitalista.

No mundo inteiro a burguesia esperneia, arquitetando planos e mais planos com o objetivo de sobreviver à crise de superprodução capitalista. Os direitos históricos dos trabalhadores são atacados vorazmente em prol da manutenção do lucro dos capitalistas. Para tanto, a burguesia conta, principalmente, com o parlamento, a grande mídia e justiça (burguesa), enfim, com o Estado burguês, também com os aparatos reformistas: Social Democracia, Stalinismo e os renegados do Trotskismo a fim de levar a cabo as reformas estruturais do capitalismo: reforma da previdência, sindical, trabalhista, tributária educacional e de gestão do Estado em prol da governabilidade burguesa e do lucro dos capitalistas, etc.

I

Conjuntura Internacional

O capitalismo, com propriedade privada dos meios de produção, tem arrastado o conjunto da humanidade para a barbárie. Seu aspecto de degeneração se manifesta na vida com um todo, desde a

esfera econômica, onde o risco de um colapso mundial é iminente, passando pela esfera social, que se reflete na exploração, miséria e violência para milhões de trabalhadores no mundo inteiro. A

exploração desenfreada de recursos minerais e naturais no planeta tem agravado sobremaneira a situação do meio ambiente, causando poluição, epidemias e aquecimento global, este último provocado pelo chamado efeito estufa (resultado de demasiado lançamento de CO₂ na atmosfera). Segundo estimativas dos cientistas, até o fim deste século, as geleiras devem derreter, fazendo desaparecer milhares de cidades na costa, sem falar nas temperaturas insuportáveis e catástrofes naturais de toda espécie que afetarão todo o globo terrestre. A depredação capitalista da natureza é o reflexo direto da ganância da burguesia sobre toda a humanidade. Portanto, não faz sentido (objetivamente) lutar pela natureza sem lutar para por abaixo o capitalismo e a propriedade privada dos meios de produção, sem lutar pelo socialismo mundial, rumo a uma sociedade sem classes, rumo ao comunismo.

Os lucros e as necessidades (vícios) da burguesia precisam ser mantidos às custas da exploração capitalista. Recorrem a todos os meios para alcançar suas metas: Parlamento, meios de comunicação, escolas, oficinas, a igreja e as guerras, ou seja, quando não é pelo poder político-ideológico, é pela força das armas que a classe burguesa consegue se safar (momentaneamente) da crise por que passa o sistema capitalista mundialmente.

O avanço tecnológico conseguido nos últimos cem anos é gigantesco e supera, de longe, todo o período histórico precedente. Mas isto não quer dizer que a humanidade está às mil maravilhas. Pelo contrário, a maior parte da humanidade, que é o proletariado, tem diante de si aprofundada cada vez mais a miséria e violência. Ou melhor, este progresso técnico não se reflete em melhoria nas condições de vida dos trabalhadores explorados: falta saúde e educação, depreda-se o meio ambiente, matam-se milhões com as guerras etc.

Segmentos hegemônicos da burguesia mundial (o imperialismo enfim) agem das mais variadas formas sobre o conjunto dos explorados. Em muitos países, via parlamento burguês, principalmente, impõe as chamadas reformas de adequação do Estado à crise estrutural do capitalismo a exemplo das reformas da previdência e trabalhista e educacional e sindical, um verdadeiro ataque aos direitos históricos dos trabalhadores, conseguidos a muito custo. Trata-se de uma tendência e necessidade mundial do imperialismo. Tudo isto para ajustar o estado repressor e administrador do capital e em beneficiar nada menos que os bancos (capital financeiro), que se encarregarão de administrar as previdências privadas e os fundos de pensão. O Chile, por exemplo, tem regime de previdência privada desde os anos 70 (reforma levada a cabo pelo então general Pinochet).

Entretanto, há certos países em que a famigerada “democracia” (formal, burguesa), aquela mesma do voto e das eleições regulares não foi instaurada totalmente, ainda. Nesses países, o imperialismo age de forma diferente: age pela força das armas, com as guerras de rapina. Exemplos disso já foram o Afeganistão e agora o Iraque, sob o impasse do conflito ideológico do capital e sob a ocupação e jugo dos americanos. Situação semelhante vivem os palestinos, constantemente atacados pelo poder bélico do Estado de Israel, que é tão-somente um braço do imperialismo norte-americano na região do Oriente Médio.

Nos dias de hoje os Estados Unidos é a expressão mais forte do imperialismo mundial, seguidos de perto pela França, Alemanha e demais países do G-8. Por ocasião dos acordos advindos da Primeira (1914-1918) e da Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945), os EUA se sobressaíram como superpotência econômica e militar, principalmente após esta última. Para se ter uma idéia, os americanos só entraram na guerra a partir de 1943, quando foram atacados pelos japoneses (no ataque

ao Porto de *Pearl Harbour*, no Havaí). Até esta época, eram nada mais que fornecedores de material bélico alimentando-se e potenciando para uma participação na partilha e re-partilha do globo. Hoje se trata da homogeneização da re-partilha. De lá para cá muitos anos se passaram e também muitas guerras, quase todas encabeçadas pelos americanos: Guerra da Coréia, do Vietnã, do Afeganistão e agora a Guerra do Iraque.

Há muitos pretextos para a guerra, mas um dos mais usados pelos EUA é o combate ao terrorismo, bem como às armas químicas (de destruição em massa) e às “ditaduras”, como a de Saddam Hussein, no Iraque. Na verdade, como polícia política do mundo o que querem é – do ponto de vista político – moldar regimes democráticos e dóceis ao imperialismo; do ponto de vista econômico, conquistar mercados e consumidores, utiliza-se das guerras permanentes com finalidades comerciais, rapinagem e matérias-primas, com destaque para reservas de petróleo (o petróleo jorra quase como água no Oriente Médio); e, como não poderia deixar de ser, para estabelecer bases militares (como as muitas que já são mantidas em diversas partes do mundo: Israel, Guantanamo, etc), a fim de policiar e combater os movimentos sociais nessas regiões.

Até hoje o povo iraquiano sofre as conseqüências da invasão norte-americana.

As disputas interbuguesas

No cenário internacional, os EUA (com a Inglaterra como aliada) não estão sozinhos. Há a disputa interna entre os imperialistas por controle de mercados, posse de matérias-primas, petróleo etc. As reservas de petróleo de muitos países imperialistas estão no fim, com os Estados Unidos na dianteira. As disputas capitalistas se intensificam ainda mais pelo domínio das reservas de petróleo, como nas recentes guerras do Oriente Médio. A França, Alemanha, Itália despontam como forte

Não que o país (aliás, como todo o Oriente Médio) vivesse em paz antes da invasão, mas esta só veio a recrudescer a barbárie já existente. O governo Bush continua a enviar soldados para o Iraque e recentemente solicitou ao Congresso um reforço de cerca de 20 mil homens. A situação do povo do Iraque é calamitosa. Todos os dias pode-se assistir nos meios de comunicação os números da guerra: dezenas de mortos, incluindo civis, homens das milícias armadas (*sunitas, xiitas, Kurdos e etc.*) e mesmo do Exército americano.

Mas não nos enganemos. A tarefa do imperialismo no Oriente Médio não tem sido nada fácil. Na essência, há o enfrentamento com milícias armadas comandadas por burguesias teocrático-nacionalistas, inclusive com representação no parlamento, como é o caso do Hezbollah e Hamas. Como dissemos, são burguesias **teocrático-nacionalistas**, cujos interesses nada têm a ver com a defesa da maioria absoluta dos oprimidos desses países (Iraque, Líbano, etc.). Estas burguesias acabam, de um jeito ou de outro, cedendo às pressões imperialistas, à democracia formal. São antiimperialistas, ou melhor, querem negócios com o imperialismo que os satisfaz, mas não são anticapitalista (defendem apenas seus interesses).

bloco de oposição à “Casa Branca”. Não é por acaso que se formou a União Européia, o que veio a polarizar as disputas comerciais entre esses blocos de países. Os blocos econômico-comerciais são também uma necessidade do capitalismo.

As guerras imperialistas seguem lógicas específicas: busca o controle mundial pelos grandes monopólios, nesta empreitada, destroem, saqueiam e controlam, reconstruindo em seguida sob o comando

imperial do grande capital. É o caso do Iraque em que a guerra imperialista tem por finalidade a dizimação dos povos nativos guerreiros para o exercício do poder imperialista sobre outras bases. *Sem esquecermos que jogam bombas e depois “ajuda humanitária”*. Eis a questão chave. A rapinagem por um lado, saque de matérias primas, controle estratégico, a destruição das forças produtivas dos países oprimidos (pessoas e infra-estrutura), no caso do EUA com o potenciamento de sua indústria bélica; de outro, segue a disputa para repartir o “bolo”, que significa nada menos que a reconstrução do que foi colocado abaixo. É aí que entram os grandes conglomerados burgueses, ou melhor, os consórcios formados por empresas que se encarregam de instaurar de vez a exploração capitalista. Tais empresas se aproveitam do desemprego, da miséria e violência em que se encontram esses países para elevar seus lucros, utilizando-se de mão-de-obra barata e abundante. E a burguesia assim faz a propaganda de que a democracia venceu o terror. Mas na verdade só aprofundaram a barbárie capitalista com o aumento da exploração, controle estratégico pelo grande capital e destruição de forças produtivas.

A dualidade “destruir-reconstruir” é uma característica marcante que está presente nas guerras de rapina imperialistas. Foi assim na primeira grande guerra de 14-18 e na segunda de 39-45, tem sido assim no Afeganistão, Iraque e Líbano.

No Líbano, por exemplo, após a desocupação do Exército de Israel, entra em cena a ONU (Organização das Nações Unidas), um organismo totalmente imperialista, que se encarrega de legitimar e coordenar a exploração naquele país. A ONU, pela intervenção militar de seus integrantes (EUA, França, Itália, Rússia, China, etc.) prepara o terreno para a reconstrução do território devastado pela repartição realizada pelas forças de destruição imperialistas dos grandes monopólios. Na essência, a reconstrução de

países como o Iraque e o Líbano. Significam moldar governos democráticos, dóceis às metas do imperialismo de conquista e ampliação de mercado, tanto de saque de matéria prima como de mercado de exploração de mão de obra e mercado consumidor, para isto, necessitam instalar governos dóceis via democracia formal, eleição, voto, etc, como já ocorreu no Iraque. Vale lembrar que são cinco os países que fazem parte do Conselho de Segurança da ONU exatamente os que mais produzem e comercializam armas. São eles: EUA, Rússia, França, Reino Unido e China. Atualmente, a “tarefa” deste Conselho está voltada para o Irã.

A estratégia é simples. Com os Estados no comando, vão atacando e minando país após país. A bola da vez agora é o Irã, país que tem pretensões de desenvolver/implementar seu programa nuclear. Segundo seus líderes, este programa não tem o objetivo de fabricar armas (bombas nucleares), mas sim, deverá ser direcionado para a geração de energia, para investimentos em hospitais e similares. A alegação da Casa Branca, como não poderia deixar de ser, é que o Irã está fabricando a bomba atômica. Bem, mas isto os EUA e demais países estão fazendo também. Portanto, mais uma vez, não é uma questão de bomba atômica, mas, ao contrário, de conquistas de mercado e regiões estratégicas ao interesses do imperialismo. O que vai acontecer no Irã não será muito diferente daquilo que se passa no Iraque hoje em dia.

Nesses países o imperialismo enfrenta combatentes ferrenhos – isto não se pode negar, mas é uma luta da burguesia religiosa local. Por Allah e contra os impuros e infiéis do Ocidente. O problema é que tais burguesias usam de violência e terrorismo individual como táticas para salvação de “seu povo”, mas só acabam aumentando a matança, uma vez que todos os dias morrem dezenas de pessoas pela ação de homens-bomba.

Também a Coreia do Norte acenou com o desenvolvimento de seu programa nuclear, ao que parece com o objetivo de chantagem para realizar negócios e angariar recursos para sua economia. No que prontamente foi atendida em troca de “abrir mão” de seu programa nuclear. Eis o que a

diplomacia da ONU tem conseguido. Não nos esqueçamos de que o novo secretário desta organização é um sul-coreano de nome Ban Ki Moon e que Coreia do Sul e Coreia do Norte são rivais históricos (desde os anos 50).

A situação política Boliviana da América Latina

A análise da situação política da Bolívia retrata bem o papel que está jogando os governos burgueses de frente populares como o próprio Evo Morales, Chaves e Lula.

Bolívia, assim como os demais países da América Latina, se caracteriza por uma economia atrasada, semicolonial, de desenvolvimento desigual e combinado, no sentido das formulações de Trotsky. Tal caracterização já o fizera o primeiro Congresso Extraordinário da Federação Sindical dos Trabalhadores Mineiros de Bolívia (FSTMB), realizada em 08 de novembro de 1946 com as teses de Pulacayo.

Bolívia, país de maior politização de seu povo em relação aos povos de América, que na última década depuseram vários presidentes em manifestações de massa de ampla magnitude. Desde manifestações pacíficas às armadas, que se constituíram na grande maioria delas.

Os indígenas e camponeses plantadores de coca foram os campeões em manifestações de bloqueio de estradas e cerco aos grandes centros urbanos ao ponto de potencial por acordo com várias facções burguesas no sentido da eleição do candidato indígena Morales.

Os mineiros, como sempre, comparecem aos milhares com suas dinamites em punho.

Em 11 de janeiro de 2007 os Cocaleiros e vários Sindicatos impuseram um cerco ao prefeito de Cochabamba, exigiam a renúncia por estar colaborando com as forças fascistas. Evo Morales foi logo pedindo calma e ordem acusando de ultrasesquerdismo as lideranças do movimento.

A burguesia e as forças que sustentam o regime democrático (ditadura do capital) da propriedade privada dos meios de produção fizeram grandes e perigosas manobras para a contenção deste bravo povo.

Além das forças de reação essencialmente patronais, como as várias facções da burguesia, compareceram, como sempre, a igreja e os reformistas de todos os matizes, inclusive os renegados do trotskismo. O Governo populista e nacionalista burguês de Chaves e o governo cubano de Castro deram retaguarda “teórica” com a falácia da revolução bolivariana e de socialismo. Sempre em nome da ordem se deram as manobras no sentido de desviar as massas insurrectas das ruas, impedindo assim, a independência política do movimento em relação à burguesia e seu regime. O POR Boliviano recorreu à ONU e à Igreja, conforme retrata a publicação de Massas n° 2012, 13/10/06. Bolívia país oprimidos de vastas reservas minerais, dominado pelo imperialismo, ora dos EUA, ora Europeu. O povo tem resistido ao regime de fome e ao saque imposto pelas empresas multinacionais. Vale dizer, que a Petrobras “brasileira”, consorciada com o capital imperialista, no último período, tem servido de testa-de-ferro aos apetites das empresas petrolíferas como: Exxon-Mobil, Chevron e Conoco-Phillips, a francesa Total e a British Petroleum.

Em 2006 com o Congresso cercado pelas massas, o presidente provisório Eduardo Rodríguez, as várias facções burguesas e o reformismo acordam realização de eleições extras em meio a uma grandiosa crise. Evo Morales, representante

dos cocaleiros no parlamento, se candidata e se elege com esmagadora maioria de votos, instalando mais um governo de frente popular na América Latina.

A opressão imperialista nas últimas décadas tem se intensificado. A crise estrutural do capitalismo tem levado estes a aumentarem seus apetites de saque nas semicolonias. Uma maior ofensiva em relação às materiais-primas e fontes energéticas, medidas de cunho de reforma do Estado (privatizações, precarização dos serviços públicos, saúde e educação, previdência, etc.). No sentido de que estes países possam continuar remetendo vultosas somas de dólares a título dos serviços das dívidas externa e interna e de potenciamento às transações das multinacionais.

Os governos burgueses clássicos têm se mostrado incompetentes para realizar tais reformas, como exemplo, podem citar o governo de FHC nos seus dois mandatos. Um governo puro, de total confiança do capital financeiro, no entanto, não foi capaz de ir a fundo com as reformas. Foi um marco nas privatizações, iniciou a reforma previdenciária e, pela ausência de base social nos sindicatos e movimentos, teve que abrandar o conteúdo de tal reforma. Razão pela qual, coube ao governo Lula/PT, de frente popular, ir fundo em uma nova reforma com este caráter, agora está preparando uma outra reforma, ainda mais dura e saqueadora de direitos históricos.

O grande capital tem se servido destes governos na história e nas formulações IV Internacionalista, os governos de frente populares comparecem e são permitidos pela grande burguesia, como último recurso de administração burguesa, na sua negatividade e confiabilidade se dá o fascismo.

A profundidade da crise estrutural de superprodução do regime capitalista está potenciando esta forma governamental. Isso se torna possível devido à monumental crise de direção que se avolumou, por exemplo, quando da formulação do programa de transição de 1938. Hoje, temos a negação de grande parte das organizações, inclusive de

organizações que se dizem trotskistas se conformando como intrínsecas à conciliação de classes e as frentes populares. Vale dizer que a própria social-democracia está total e desmascaradamente mais imperialista que os próprios impérios.

Esta corrente política, que entrou na história do movimento operário internacional com a traição da II Internacional (Internacional Social Democrata), por ocasião da votação dos créditos para que os carneiros do grande capital desfechassem a primeira grande guerra imperialista de 1914. Com a vitória da Revolução Russa, os Sociais Democratas se colocaram totalmente na trincheira da grande burguesia. Hoje, com a queda dos países outrora de governos operários degenerados do leste europeu, deu-se um aprofundamento sem igual no fenômeno da crise de direção do proletariado. Podemos dizer que se formou uma santa aliança reformista de conciliação de classes entre: social democracia clássica aprofundada, stalinismo aprofundado com suas variações múltiplas, indo até ao humanismo acadêmico, setores do trotskismo também em suas múltiplas variações.

Temos a ressaltar ainda que: além destas correntes políticas acima citadas, o fenômeno do agravamento da crise estrutural do capitalismo e a necessidade do grande capital de aumentar seus lucros e saques de matérias-primas, de reformar o Estado pondo por terra os direitos sociais históricos e o ampliar do raio de ação dos mercados. Esta política imperialista tem feito ressurgir também, além do potenciamento das frentes populares, o nacionalismo populista, a exemplo de Hugo Chaves na Venezuela.

O transcendental destes governos são três traços que se inter-relacionam e que são de extrema grandeza.

1° Contenção da luta direta mantendo a mesma dentro da legalidade burguesa.

2° Dotar a administração do capital com todas suas garantias, ou seja, de ampliar as medidas (reformas) da necessidade do capitalismo decadente e em agonia, possível

graças a monstruosa crise de direção do proletariado mundial, o controle das organizações operárias, camponesas e populares pelo capital, torna-se possível golpear a fundo a força de trabalho, retirando direitos históricos e a própria “civilização”, para que assim, possa respirar. E este respirar se dá com saque de todos os níveis, violência, miséria, morte e se desenvolvendo a barbarização da sociedade. Barbarização esta em seus germes em elementos desta, pois está presente ainda a resistência. Um terço da população mundial vive abaixo da linha de pobreza, na indigência. O Estado repressor “democrático” está totalmente minado, a exemplo do Brasil, em que as forças de repressão se mesclam totalmente com o banditismo, os PCC. As forças produtivas, apesar de se desenvolverem em alguns ramos de produção e podemos dizer que tecnologicamente as forças produtivas se desenvolvem. Podemos afirmar até que se dão ciclos de crescimento econômico em determinados ramos e países. Mas, este desenvolvimento não alcança a linha geral do período anterior estabelecido. Ainda que: este desenvolvimento tecnológico não se reverte em melhoria das condições de vida e trabalho, pelo contrário, o componente majoritário das forças produtivas, o proletariado, a força de trabalho e a humanidade, regride em seus direitos e em suas conquistas históricas, instalando os germes e elementos da barbárie.

Também temos, além destes ciclos parciais de desenvolvimentos, os estouros em determinados países, como o ocorrido na Argentina em 2001, Bolívia em várias ocasiões, e em vários cantos e países do globo.

Estando estes ciclos presentes na situação política, tem sido costumeiro no movimento operário internacionalista, inclusive, o traçar da estratégia revolucionária, tendo como partida e objeto estes fatores conjunturais momentâneos que não refletem a situação política e econômica em seu conjunto. Caindo em desvios de duas ordens: uma, a de se posicionar e mudar de estratégia como se estivessem dadas as

condições para a tomada do poder, sem mesmo a existência do partido mundial ou mesmo sua seção. Outra, é a de traçar a estratégia como se realmente estivéssemos em fase de desenvolvimento das forças produtivas em seu conjunto. Resta ficar claro que a linha partidária se traça pela linha geral do desenvolvimento da economia e não em seus ciclos parciais de ramos ou países, por mais que tenhamos que ter toda atenção sobre os mesmos.

Estes ciclos parciais de desenvolvimento econômico têm se dado, por exemplo, na China, que está em processo de transformação de toda a massa camponesa em operários, quase que escravos. Também temos a exploração imperialista na Índia e Leste europeu, devido à queda dos Estados outrora operário degenerados. Ainda, com o aumento da exploração das economias semicoloniais, com a política para se enfrentar a crise estrutural do capitalismo descrita acima, o grande capital tem realizado grandes negócios, com fabulosos lucros.

3º Seu caráter totalmente submetido ao imperialismo, se tornando em governos fantoches dirigidos pelos bancos centrais e pelos economistas do grande capital, no caso da Bolívia especificamente, o vice-presidente é representante, diretor e gerente das petroleiras imperialistas. Já, por exemplo, no caso brasileiro, o último plano econômico do governo Lula – o PAC – foi instrumentalizado por ninguém menos que o economista do imperialismo e da ditadura militar, Delfim Neto. Um governo dos “trabalhadores”! Leia-se: para os trabalhadores (do grande capital financeiro).

As características históricas demonstradas por estes governos de desmoralização, derrota e banho de sangue da classe operária, caso escape das ordens dos ministros imperialistas foram agora antecipadas por governos que possibilitarão as reformas do capital. Caso se atrevam a fazer populismo, volta se totalmente a consigna do fascismo direto, visto que, os regimes dos governos das frentes populares estão já presentes germes do fascismo.

Vejamos: Na Bolívia, um setor dos próprios mineiros são organizados contra a ala socialista destes. Uma santa aliança se processa entre os patrões das cooperativas mineiras, arrastando milhares de mineiros com os já declarados fascistas de Santa Cruz e suas milícias anti-operárias.

Aqui, não adianta querer cortar caminhos! A crise de direção do proletariado se resume na ausência do partido mundial da revolução proletária. Tendo estas condições presentes, considerando as particularidades bolivianas, poderão e deverá os mineiros socialistas da Bolívia encabeçar o levante armado, unindo a Bolívia oprimida na Ditadura do Proletariado no sentido das teses de Pulacayo. Contra o fascismo e pela expropriação total, sem nenhuma indenização aos capitalistas de toda ordem. Poderá e deverá o proletariado boliviano se unificar e fazer chamado à vanguarda socialista mundial no sentido da reorganização do proletariado mundial independentemente da burguesia, para que a revolução boliviana assuma seu caráter permanente e mundial.

Isso poderá ser uma possibilidade! Poderá ser, não como uma norma científica, mas sim, como uma condição extremamente precária imposta pela realidade.

A tarefa urgente da vanguarda socialista mundial é a de se agrupar em torno da *estratégia da ditadura do proletariado*, da democracia operária (no direito de tendências e frações), na paciência

revolucionária de discussão programática, devido e principalmente ao grau de atraso e confusão gerado pelas traições que o movimento operário internacional sofreu no último século. Desta forma, se posicionar em consonância com resistência da encarnada luta de classes que travam o proletariado do mundo inteiro. Esta organização internacional, de início, deve se configurar em variados níveis, desde o centralismo democrático nos marcos do bolchevismo (Partido Mundial da Revolução Proletária), de organismos mais amplos de discussões conjunturais, teóricos e de impulsionamento e apoio à luta direta do proletariado mundial.

Temos que: na vida partidária e política, na luta de classes, como base material comunista, ir eliminando a divisão de trabalho inerente ao capital. Na força da teoria, constituindo-se em uma superestrutura da propriedade coletiva dos meios de produção para, assim, ir dando vazão para o encontro da radicalização das massas e a direção que a corresponda no sentido da expropriação da burguesia.

Abaixo a pacto de governabilidade dos reformistas com a burguesia!

Dotar os Sindicatos e Movimentos campo/cidade de direções revolucionárias!

Abaixo o capitalismo decadente!

Abaixo a propriedade dos meios de produção e sua divisão do trabalho!

Viva a Ditadura do proletariado!

Viva as forças produtivas comunistas!

II

A barbárie e seus aspectos

A barbárie desencadeada no processo histórico tem se mostrado parte viva e aparecido vertiginosamente de diversas formas e aspectos no desenvolver das forças produtivas e da humanidade.

Na passagem do regime comunal (comunismo primitivo e sociedade consanguínea), com as descobertas da agricultura, da pecuária, a prática destas e o

desenvolver da divisão do trabalho, da propriedade privada, nos mostra Marx e Engels na obra “A origem da família, da propriedade privada e o Estado” o desenvolver das diversas fases da barbárie. Barbárie esta em que os povos primitivos foram incapazes de reagir à exploração de classe no seu nascedouro.

No capitalismo e suas contradições advindas do modo de produção, os germes da barbárie têm nos mostrado com clareza na necessidade da destruição das forças produtivas periodicamente e agora quase que permanentemente, como parte da necessidade inerente ao próprio modo de produção, tendo tido seu agravamento na fase imperialista em relação a época da citação de Marx e Engels do Manifesto Comunista em que o capitalismo vivia ainda a sua fase de livre concorrência.

Existe incompatibilidade entre relações de produção e o desenvolvimento das forças produtivas, como citado no manifesto comunista: *“Cada crise destrói regularmente não só uma grande massa de produtos já fabricados, mas também uma grande parte das próprias forças produtivas já desenvolvidas. Uma epidemia, que em qualquer outra época teria parecido um contra senso, desaba sobre a sociedade – a epidemia da superprodução. Subitamente, a sociedade vê-se reconduzida a um estado de barbárie momentânea”*.

Um outro aspecto/conceito da barbárie é descrito na “Ideologia alemã”, que diz: *“No desenvolvimento das forças produtivas atinge-se um estágio no qual se produzem forças de produção e meios de intercâmbio que sob as relações vigentes só causam desgraças, que já não são mais forças de produção, mas de destruição”*.

Como vemos, os processos de destruição de forças produtivas e de conquista de mercados e matéria prima para os grandes capitalistas têm se produzido as guerras – ora num canto, ora em outro – são uma necessidade do capitalismo que, para sua sobrevivência, precisa matar milhões de pessoas, pois os mercados se tornam estreitos e a civilização em demasiado excesso. Tem que destruir parte das forças produtivas para dar fôlego ao capital na sua reconstrução e rapinagem. Vale dizer que este processo não é novidade, porque ocorreu em vários períodos da história. A guerra faz parte do cronograma do capitalismo. Hoje, devido à crise estrutural deste, a correlação de forças inter-imperialistas e a monstruosa crise de

direção do proletariado, temos as guerras imperialistas de saque de matérias-primas, dizimação de povos como no Iraque, de controle estratégico de regiões e ainda, como potenciamento da economia, como se reflete na economia americana, que tem sua base industrial no armamentismo. Assim, faz bem para a economia americana a guerra permanente, mudando sua pontaria, conforme a necessidade da sua ambição.

O que vemos hoje são milhões de pessoas em situação de indigência, vivendo como mendigos, milhões de desempregados, sem saúde, um verdadeiro caos. A violência e miséria extrapolam todos os limites, abrangendo o mundo inteiro. Tudo isso por causa de um sistema totalmente falido, da degeneração do próprio Estado, como nos mostra o exemplo do PCC no Brasil.

Pela ganância, por mais e mais lucros, para poderem se manter no poder, utilizam de todas as barbaridades principalmente o fascismo.

O fascismo se apresenta de diversos aspectos e está presente como germes em desenvolvimento, que a qualquer hora estronda como uma bomba:

- na violência urbana, com a introdução dos paramilitares, no entrelaçamento com o tráfico de drogas e banditismo cometendo ações que chocam o mundo;
- ora, silenciosamente através dos seus governantes e seus Estados falidos, com o disfarce, inclusive, de governos ditos da social democracia, como o governo Covas/Alckmin em São Paulo. Introduziram estes governos todo um mecanismo de controle dos funcionários, com a política de bônus e avaliação dos funcionários que se destacarem em combater a luta sindical e se disciplinarem nas ordens dos chefes e em benefício da destruição da escola pública, por exemplo:
- nos governos municipais, mesmo os do PT tem sido comum a prática das cooptações e a estatização dos Movimentos Sociais, transformando-os em polícia do movimento independente;
- no governo Lula, que através de suas reformas imperialistas (diga-se de passagem

que este imperialismo tem implementado estas reformas em todo o planeta), quer destruir as conquistas históricas da classe trabalhadora, e na proposta de reforma sindical e trabalhista, tentou criar mecanismos de combate ao movimento operário independente, como sendo crime de gravidade contra a ordem estabelecida.

As forças produtivas estão há muito tempo estagnadas e aliadas à incompetência e falência dos estados, só vêem como saída destruir o que se encontra em excesso – esta é a filosofia do capitalismo.

A busca incessante por matérias-primas e suas fontes, para alimentação do poder bélico, para sobrevivência de todas as

forças opressoras é fator de risco à extinção da maior parte da civilização.

No livro de receitas do imperialismo, a palavra socialismo não aparece para substituir nenhum ingrediente, pelo contrário, o sangue dos trabalhadores é o ingrediente principal de suas receitas.

Por isso as palavras de ordem “*Socialismo ou Barbárie!*” tem que ser a bandeira hasteada no mais alto cume, que atinja o mundo inteiro, pois é a alternativa que vai representar milhões de pessoas massacradas, contra uma minoria privilegiada.

III

A agonia do Capitalismo arrasta-se, levando a humanidade para a barbárie, em decorrência da crise histórica da direção do proletariado.

Em 1914, com o advento da primeira grande guerra mundial, a **II Internacional** votando os créditos para a guerra de rapina imperialista e se postando na trincheira da burguesia contra a Rússia dos Sovietes e como sapa contra-revolucionária em favor do capital, **se desfez** para o Movimento operário Internacional. Usou de sua influência nos organismos operários para, juntamente com a grande burguesia, semear confusão e ilusões no processo pacífico de transformação da sociedade, bem como, de empenhar com a grande burguesia mundial as metralhadoras contra a república soviética e como esteio da política de conciliação de classes.

A presença de Direção Revolucionária representado pelo bolchevismo Russo foi capaz da transformação desta guerra de rapina imperialista em guerra civil, levando o proletariado Russo ao poder.

As dificuldades impostas pela revolução, pelo fato desta se dá em um país atrasado e de economia desigual e combinada; o abortamento da revolução em países como Alemanha; o assassinato de Rosa Luxemburgo e Kall Liebneth rompendo a possibilidade imediata do socorro da

revolução Russa; os poucos e jovens quadros que representava a incipiente organização internacional do proletariado mundial, com partidos (seções) da III Internacional Comunista recém constituída e em organização e formação na maior parte dos países; o isolamento da única república soviética; a unificação mortal da burguesia mundial contra esta; as medidas de cunho de capitalismo de Estado que fora obrigado a tomar a direção do processo revolucionário e o limitar da democracia operária devido à monstruosa pressão de classe no interior da República dos Sovietes; a interrupção do processo de revolução permanente do ponto de vista do proletariado mundial pela política que se denominou stalinista se apoiando nas medidas de exceção adotadas e transformado-as em estratégia, interrompendo assim o processo da revolução mundial. Desta maneira se confirmou o legado de Marx de que: o Socialismo e Comunismo têm como condicionante o mais alto desenvolvimento das forças produtivas e seu caráter global, caso contrário se dando o processo revolucionário em país atrasado todo esforço

voltaria em seu ponto de origem. - (ver a ideologia Alemã).

O isolamento da República dos Sovietes, as medidas e acontecimentos acima citados, a juventude da organização internacional do proletariado mundial propiciaram ao capitalismo e ao stalinismo derrotar o magistral esforço do proletariado

internacional. Esta derrota acabou por interromper um processo transitório ao Socialismo rumo a uma nova forma de sociedade, Comunismo, assim como se deram no feudalismo em derrota ao escravismo e o capitalismo em derrota ao feudalismo.

IV

A política que se denominou stalinista:

Como germe da política burguesa, a política stalinista representou a pequena burguesia encontrando campo fértil para se desenvolver em meio a uma situação internacional dada.

O primeiro rompimento com a base material capaz de ir desenvolvendo esta mesma base e forjando uma superestrutura com bases comunistas, foi: o limitar da democracia operária no seio da organização soviética de condução do Estado Soviético com o priorizar dos funcionários e técnicos, conformando uma burocracia em que o próprio Lênin em seus últimos dias de vida travou um fervoroso combate propiciou um início do rompimento. Ao romper a democracia operária no interior do partido, rompendo assim, com o centralismo democrático, com a formação de um bloco de maioria stalinista com bases em privilégios e em critérios administrativos, rompendo com o Internacionalismo, representada da consigna de Socialismo em um só país e por sua vez com a Internacional Comunista. Conformou o rompimento integral com o processo dialético e histórico rumo a uma sociedade sem explorados e exploradores.

Lênin iniciou o combate contra a burocratização e a quebra no monopólio estatal da economia principalmente no referente ao comércio exterior em que Stálin e seus seguidores tentavam potenciar os Kulaks (camponeses ricos), quando a proposta de Lênin e Trotski era taxá-los para o auxílio a industrialização de base, o que veria a agravar a economia Russa. Infelizmente o proletariado mundial não

pode contar mais uma vez com o extraordinário revolucionário Marxista que foi Lenine, deixando o convívio e a encarniçada luta de classe em 21 de janeiro de 1924. Trotski deu prosseguimento a este combate exatamente contra a burocracia, exigindo a volta do poder aos Sovietes, sem burocratas, apoiou a oposição formada no Politburo (grupo dos 46, por mudança na economia e contra a burocratização). Se estivesse em vigência a democracia operária o curso histórico da direção soviética teria sido exitosa, pelo contrário, o aparato repressivo já entra em cena e logo em seguida as falsificações e os crimes. A derrota do proletariado Alemão em 1923 de co-responsabilidade dos dirigentes do grupo de Stálin já demonstrava o caminho a seguir do Stalinismo. Trotski deu um mortal combate no que viria a ser o desdobramento da burocratização exatamente o rompimento com o Internacionalismo representado na defesa do Socialismo em um só país.

A enfermidade de Lênin lhe tira do combate. O V Congresso da Internacional é atrasado e realizado já em condições desfavorável à oposição de esquerda.

Como comprovação visível do desvio stalinista sem se ater em aspectos programáticos profundos, comparece a destruição da III Internacional, vejamos:

Os Congressos da III Internacional Comunista se realizavam de ano a ano: 1º Congresso e Fundação da III I. C. realizou-se em 2 a 6 de março de 1919; 2º Congresso em 17 de julho de 1920; 3º Congresso junho/agosto de 1921; 4º Congresso novembro de 1922; V Congresso junho/julho

de 1924 e o VI em julho/setembro de 1928, 4 anos posterior. Já o VII e último Congresso da III Internacional se realiza 7 anos após: julho/agosto de 1935. Foi o assentador de toda a política burguesa para o Movimento proletário Comunista, praticamente se unindo a Social Democracia com a política de conciliação de classes ao extremo em que fizera tanto mal ao proletariado mundial e está na ordem do dia atual. Em nome do combate ao fascismo o VII Congresso da IC implementou as FRENTE POPULARES, com burguesia progressista e a Social Democracia. Curiosamente no VI Congresso se deu exatamente ao contrário. Neste, a Social Democracia era considerada mais perigosa que o fascismo, justificando a linha adotada de frente única na base, classe contra classe, motivo pelo qual se negou ao apoio e unidade contra o nazismo.

Esta deliberação do VII Congresso da Internacional Stalinista foi o que a burguesia necessitava para conter o movimento operário e revolucionário. Na França em nome de conter o avanço fascista conformou-se integrando o Partido Comunista Francês na frente popular com os radicais burgueses e Socialistas de todos os matizes com vistas às disputas no parlamento e de contenção da radicalidade operária, foi assim na Espanha e na China com as devidas particularidades.

Na América tivemos o Chile em que seguindo as orientações do VII Congresso da I.C. conformou em 1938 e elegeu como presidente Aguirre Cerda uma frente popular formada pelo Partido “comunista”, Socialista e Radical. Posteriormente Ao primeiro mandato se conformou sob a sigla de Aliança Democrática e União Nacional. Esta frente popular foi responsável pelo bloqueio da luta independente neste período e a conformação e enriquecimento da burguesia nacional totalmente entrelaçado com o imperialismo e o capital financeiro. Em 1970 novamente se articula a Frente Popular, agora sob a nomenclatura de Unidade Popular, elegendo o Socialista Salvador Allende. Realiza-se algumas

reformas de cunho democrático, nega-se romper com a ordem burguesa estabelecida, propõem a marcha para o Socialismo pela Revolução passiva, negando-se a atender as massas que pedia a ruptura violenta com o conseqüente armamento. Allende é morto no interior do Palácio em 1973 pelas forças armadas articuladas com o governo dos EUA, assumindo seu posto o membro de seu governo, representando as forças armadas Augusto Pinochet.

Podemos afirmar que a política de frente popular tendo como principio a conciliação de classes atende a alguns requisitos:

Da parte da grande burguesia –

- **amenizar e conter a luta de classe, revertendo em apoio operário e popular ao governo burguês;**
- **realizar as reformas dolorosas em que um governo clássico burguês não teria forças para tal;**
- **como último recurso em situação de veemente crise revolucionária;**
- **como preparação ao golpe fascista.**

Da parte dos revisionistas do Marxismo, aos Socialistas amarelos e as várias correntes do reformismo;

- **como política de conciliação de classes, dando expressão governamental a política diária no interior do movimento operário, camponês, estudantil e popular;**
- **como aliança aos setores “progressistas” da burguesia nacional, em vista ao desenvolvimento do capitalismo, como 1º etapa da revolução Socialista (das épocas das grandes comemorações);**
- **como pretensão eleitoral no sentido de angariar apoio da burguesia sem no entanto romper formalmente com as organizações**

- operários, camponesa, estudantil e popular;
- como engodo da possibilidade da revolução pacífica para o Socialismo;
- como política pequena burguesa de conciliação de classe;
- como contenção do processo de luta de classe independente e da política revolucionária.

V

Algumas citações de Trotski sobre as Frentes Populares

!)- *“No congresso de unidade em Toulouse, o “comunista” Racamond deu uma fórmula da política da Frente Popular digna de passar à posteridade: “Como vencer a timidez do partido radical?” Como vencer o temor ao proletariado que a burguesia sente? Muito simples: os terríveis revolucionários devem jogar fora a faca que carregam entre os dentes, passar gomalina no cabelo e adotar o sorriso mais encantador das odaliscas. O protótipo deve ser Vaillant-Couturier último modelo. Sob a pressão dos “comunistas” gomalinados, que com todas as suas forças empurram para a direita os socialistas que se dirigiam para a esquerda, Blum teve que mudar de orientação mais uma vez. Felizmente, ele o fez no sentido habitual. Assim se formou a Frente Popular: companhia de seguros de radicais em bancarrota, à custa do capital das organizações operárias”.* Grifo dos congressistas – só um pouco parecido com o Lulinha paz e amor no Brasil.

2)-“ De todas as maneiras, consegui dar, talvez sem querer, uma definição da Frente Popular: uma válvula de segurança contra o movimento de massa. Em geral, o senhor Sarraut é feliz nos aforismos!”

3)- “O programa interno da Frente Popular é uma mistura de lugares-comuns que permitem uma interpretação tão livre quanto as Convenções de Genebra. O sentido geral do programa é este: nada de mudanças. Ora, as massas querem mudanças, e nisso reside o fundo da crise política”.

4)- “Vista do ângulo do regime burguês, a Frente Popular é um episódio de rivalidade entre o radicalismo e o fascismo para ganhar a atenção e os favores do grande capital. Confraternizando de modo teatral com os socialistas e os comunistas, os radicais querem mostrar ao patrão que o regime não está tão doente como pensam as direitas; que o perigo de revolução é exagerado; que o próprio Vaillant-Couturier trocou sua faca por uma coleira; que através dos “revolucionários” domesticados é possível disciplinar as massas operárias e, conseqüentemente, salvar o regime parlamentar do fracasso”.

5)- “Os chefes do partido socialista, os políticos mais despreocupados da França, não se embaraçam com a sociologia da Frente Popular: ninguém pode extrair nada de interessante dos intermináveis monólogos de Leon Blum. Quanto aos comunistas, que estão enormemente orgulhosos de haver tomado a iniciativa de colaboração com a burguesia, apresentam a Frente Popular como a aliança do proletariado com as classes médias. Que paródia de marxismo! Não, o partido radical não é o partido da pequena-burguesia. Não é sequer um “bloco da média e pequena-burguesia”, segundo a absurda definição do Pravda. Não somente a média burguesia explora a pequena-burguesia, tanto no plano econômico quanto político, como ela mesma é um agente do capital financeiro. Rotular com o nome neutro de

“bloco” relações políticas hierárquicas fundadas sobre a exploração é rir-se da realidade”.

6)- “Um princípio elementar da estratégia marxista é que a aliança do proletariado com a pequena-burguesia das cidades e do campo deve realizar-se unicamente na luta irreduzível contra sua representação parlamentar tradicional. Para ganhar o camponês para o operário, é preciso separá-lo do político radical que o submete ao capital financeiro. Do contrário, a Frente Popular, complô da burocracia operária com os piores exploradores políticos das classes médias, é simplesmente capaz de matar a fé das massas nos métodos revolucionários e lançá-las nos braços da contra-revolução fascista”.

7)- “Os Bolcheviques realizaram acordos práticos com as organizações revolucionárias pequeno-burguesas para o transporte clandestino de publicações revolucionárias e, algumas vezes, para a organização comum de uma manifestação, ou para responder aos grupos de “pogromistas”. Quando das eleições para a Duma, recorreram, em certas circunstâncias e no segundo grau, à blocos eleitorais com os mencheviques ou com os socialistas revolucionários. Isso é tudo. Nem “programas” comuns, nem organismos permanentes, nem renúncia a criticar os aliados circunstanciais. Este tipo de acordos e compromissos episódicos, estritamente limitados a objetivos precisos – os únicos que Lenine tomava em consideração – nada tinham em comum com a Frente Popular, que representa um conglomerado de organizações heterogêneas, uma aliança duradoura de classes diferentes ligadas para todo um período – e que período! – por uma política e um programa comum: por uma política de ostentação, de declamação e de poeira nos olhos. Na primeira prova séria, a Frente Popular vai se romper e todas as suas partes constituintes sairão com profundas rachaduras. A política da Frente Popular é uma política de traição”.

“A regra do bolchevismo, no que se referia aos blocos, era a seguinte: Marchar separados, vencer juntos! A regra dos atuais chefes da Internacional Comunista é: Marchar juntos para ser derrotado separadamente. Que esses senhores se aferrem a Stálin e Dimitrov, mas que deixem Lenine em paz”.

8)- “Os marxistas franceses, como os de todos os países, devem, em certo sentido, começar de novo, mas em um grau historicamente mais elevado que seus predecessores. A queda da Internacional Comunista, mais vergonhosa que a da social-democracia em 1914, perturba consideravelmente, no início, a marcha para frente. O recrutamento de novos quadros é feito com lentidão no curso de uma luta cruel no seio da classe operária contra a frente unida da burocracia reacionária e patriota. Por outro lado, essas dificuldades, que não atingem o proletariado casualmente, constituem um fator importante para uma boa seleção e uma sólida têmpera das primeiras falanges do novo partido e da nova Internacional”.

9)-“Somente uma ínfima parte dos quadros da Internacional Comunista tinha começado sua educação revolucionária no início da guerra, antes da Revolução de Outubro. Todos eles, quase sem exceção, se encontram atualmente fora Terceira Internacional. Seus sucessores aderiram a Revolução de Outubro quando esta já havia triunfado: quando era mais fácil. Mas desta segunda onda resta pouca coisa. A maior parte dos quadros atuais da Internacional Comunista aderiu não ao

programa bolchevique, não à bandeira revolucionária, mas à burocracia soviética. Não são lutadores, mas funcionários dóceis, ajudantes de campo, camareiros. Daí decorre que a Terceira Internacional se conduza de um modo tampouco glorioso em uma situação histórica rica em grandiosas possibilidades revolucionárias”.

10)- As “Frentes Populares” de um lado e o fascismo de outro, são os últimos recursos políticos do imperialismo na luta contra a revolução proletária. No entanto, do ponto de vista histórico, estes dois recursos são apenas ficções. A putrefação do capitalismo continua, tanto sob o signo do barrete frígio na França como sob o signo da suástica na Alemanha. Somente a derrubada da burguesia pode oferecer uma saída”.

VI

O maior grau de importâncias assumidas no atual momento pela política de frentes populares.

Na atual fase de agonia do capitalismo – em que suas contradições de viabilidade econômica e de garantia de vida dignas às classes trabalhadores atinge um marco sem igual e contrasta-se com igual e maior magnitude da transposição da crise de Direção do Proletariado mundial – a avançada crise estrutural do capitalismo e a necessidade do capital em ampliar seus mercados, saquear matérias primas e garantir as remessas fabulosas dos serviços das dívidas externas, tem imposto aos países oprimidos planos de privatizações inclusive da Educação, Saúde e de todos os serviços públicos. Tem imposto medidas de total saque de Direitos históricos da classe operária Internacional. O tamanho das reformas e imposição do capitalismo decadente é tão brutal que qualquer governo burguês clássico torna-se totalmente incapaz de implementá-las, devido o levante das massas e do próprio oportunismo pequeno burguês e reformista. Tem se servido o grande capital na atual conjuntura do populismo nacionalista como Chaves na Venezuela que radicaliza no discurso, mas continua a entregar o petróleo ao império americano. Tem se servido principalmente de Evo Morales na Bolívia de contenção ao processo Revolucionário independente e, no entanto, as multinacionais continuam a mandar na economia. No Brasil tem se

servido da Frente Popular do PT/PC do B/PSB, agora PMDB e etc. As medidas e reformas que seu antecessor FHC totalmente imperialista clássico não conseguiu implementar em benefício do grande capital, tem conseguido o Governo de Frente Popular. Para ilustrar este prognóstico vale lembrar e repetir que o ultimo Programa de Aceleração do Crescimento Econômico (PAC) do recém re-empossado governo Lula foi elaborado conjuntamente com nada mais nada menos que o ex-ministro da ditadura militar: Delfim Neto.

A política de frente popular se tornou moda entre a esquerda que reivindica do marxismo. Até suas alas mais radicais como no caso do Brasil o PSTU que reivindica do Trotskismo e é severo crítico das frentes populares está metido até a alma na conformação de um embrião de frente popular representada na construção “classista” em oposição ao sindicalismo de chapa branca da CUT, a CONLUTAS. Uma verdadeira frente ampla em nome do combate não do fascismo como no VII Congresso da I.C. mais sim em nome da “luta contra as Reformas imperialistas do Governo Lula”. O ponto alto do programa poli-classista da CONLUTAS é a auditoria Cidadã da Dívida Externa, da conferência episcopal dos Bispos do Brasil. O Stalinismo não poderia faltar desta frente popular em

gestação, estando representado pelo PCB. Esta forma programática corresponde às articulações no plano Internacional com o PC Cubano e de novo o PC Chileno (variantes do Stalinismo), tendo como pilar organizativo a LIT-QI (Liga Internacional dos Trabalhadores - Quarta Internacional).

A forma de organização que corresponde a esta estratégia são as “Coordenadorias da representação das entidades”, uma verdadeira federação burocrática de entidades e dos grupos de trabalho (GT).

VII UMA CENTRAL AMARELA QUE SEMEIA FRENTE POPULAR EM TODO O PLANETA

Nascido em 25 a 30 de janeiro de 2001 em Porto Alegre.

“O Fórum Social Mundial é um espaço aberto de encontro para o aprofundamento da reflexão, o debate democrático de idéias, a formulação de propostas, a troca livre de experiências e a articulação para ações eficazes, de entidades e movimentos da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo, e estão empenhadas na construção de uma sociedade planetária orientada a uma relação fecunda entre os seres humanos e destes com a Terra”.

Na verdade este primeiro ponto da carta de princípio do Fórum Social representa o que há de dispersão e do controle do grande capital sobre as idéias predominantes da sociedade restringindo estas totalmente ao agrado e interesse da estrutura capitalista.

Na verdade este instrumento da classe dominante implementado pela pequena burguesia intelectual e filosófica contribui para o que o há de mais nefasto para a juventude e lutadores do planeta. Na medida em que apregoa que um outro mundo é possível com o falatório e conciliação de classes dentro da passividade burguesa, se transforma em um instrumento superestrutural em prol das frentes populares.

Desta forma o Fórum Social Mundial passa a funcionar, mesmo como, uma nova Central Internacional “Socialista” unindo Sociais Democratas, Socialistas de todos os matizes, Stalinistas das várias tendências, trotskistas revisionistas, grandes capitalistas e seus governantes. **Que instrumento de adociação internacional de mentes como este já foi visto na história?**

A crise de Direção do proletariado mundial ultrapassa a crise monstruosa do capital, tornando possível o controle deste último com segurança e folga sobre os oprimidos do planeta. Desta maneira pode o capital contar com as frentes populares como recurso governamental, não só em sua última alternativa e sim como alternativa indispensável à aplicação das medidas necessárias da atualidade da crise estrutural do capitalismo decadente.

A resolução da problemática da crise de Direção do proletariado mundial só será possível se ao par desta realidade objetiva e subjetiva formos capazes de ir agrupando a vanguarda mundial sob a base programática do resgate do materialismo histórico e dialético, representado nas formulações marxistas e na experiência histórica da luta de classe mundial.

Inicialmente poderá e deverá haver várias concepções programáticas de análise desta trajetória. Devemos, nos marcos da paciência revolucionária, ir distinguindo as aproximações programáticas, dando forma organizativa, hegemônica, se centralizando dentro do espírito da democracia operária da luta de

tendências e frações, se for o caso separando-se, sem com tudo, perder a possibilidade de ações conjuntas na vida prática e na luta de classe da ação direta contra o capital.

A crise de Direção do Proletariado quando das formulações do programa das reivindicações transitórias no tocante ao proletariado em si está totalmente vigente, o que superou o formulado por Trotski foi exatamente a crise de Direção do Proletariado mundial. Quem diria que 69 anos após tal realização estaríamos ainda em um patamar superior de crise de direção? Quem poderia imaginar o comportamento do proletariado internacional e dos intelectuais socialistas diante da não revolução política e a volta dos Estados Operários degenerados ao capitalismo em posição de semi-colônias? Quem diria que grande parte dos que defende o próprio programa de transição e o trotskismo passariam em nome do marxismo para frente popular? Hoje, a confusão, desencorajamento dos jovens e da velha geração é assustadoramente superior ao de 1938. Mesmo os equipamentos eletrônicos têm afetado a concentração da juventude, a juventude está cada vez mais se identificando com a maquina e totalmente dependente, assim como, o proletariado moderno, escravo desta. Ainda com o

aprofundamento da divisão do trabalho, privatização a precarização da Educação tem impedido ainda mais o acesso aos oprimidos do conhecimento acumulado pela humanidade.

Propomos às organizações internacionais que reivindicam do Marxismo e que, não se deixaram levar pelo canto das Frentes Populares a se agruparem:

- **Como centro de debate teórico, de balanço conjuntural, de orientação e implementação da ação direta com vistas a aproximações e centralização em organização bolchevique (Partido mundial da Revolução Proletária) ou separações em níveis claros;**
- **Permanecendo as divergências ou o aprofundamento das mesmas, manter uma forma de organização em nível inferior para discussões de balanço de conjuntura mundial e implementação de ações diretas;**
- **Formar em cada país organismos com estas características com vistas a formações das seções nacionais, com os diversos níveis que o debate e a luta de classe possibilitar.**

VIII

Da Organização pela construção do Partido Operário Marxista

Da crise do capitalismo

Diante da crise em que está submerso o capitalismo, crise esta já caracterizada no primeiro programa proletário internacional – o Manifesto Comunista de Marx e Engels de 1848, de lá até os dias atuais as contradições do sistema de exploração vigente só tem ampliado e este sobrevivendo em meio à barbárie. Mundialmente a classe trabalhadora tem e continua sofrendo com as guerras imperialistas de destruição de forças produtivas; mesmo que recupere

posteriormente parte destas, porém a principal que é a força produtiva de trabalho se torna irrecuperável devido às milhares de mortes de seres humanos civis e militares, conseqüência das atrocidades imperialistas; em nome do “terrorismo” eles – a burguesia imperialista, sob seu controle político-econômico-militar – vai anexando e dominando Estados-Nações, se apoderando de riquezas, controlando ideologicamente populações inteiras e com isso tirando a

soberania mesmo nos marcos burgueses destas nações.

As configurações econômicas são outro viés e é a demonstração clara e evidente da disputa por mercados, o que mais uma vez está explicitamente ligada à crise estrutural de superprodução capitalista.

A reestruturação que ocorre no mundo inteiro no processo de produção, combinado com o fator tecnológico que conclui com o fechamento de plantas inteiras ou parte delas, desmantelando organizações operárias de base, que diretamente interfere nas relações de produção, com o desemprego em massa como consequência. Nesse contexto coloca-se como fator predominante à questão do melhor aparelhamento tecnológico da linha de produção sem que com isso afete a qualidade, mas visando maior quantidade de produtos com o mínimo de operários para redução de custos e aumento de lucros.

As reformas imperialistas que continuam sendo implantadas em todo o mundo (países oprimidos e opressores) onde estas precariza ainda mais as condições de vida da classe explorada ao retirar importantes conquistas, como é o caso no Brasil das reformas já feitas na previdência pública, na Legislação Trabalhista. E em parte, a Reforma Sindical já colocada em prática a tempo pelos burocratas das organizações operárias – além da Reforma Universitária também a pleno vapor. Estas sempre visam engordar os bolsos dos

capitalistas e em troca os trabalhadores ficam com o principal produto de controle ideológico - as ilusões burguesas, de que estas reformas são boas para ajudar no crescimento econômico do país, gerar emprego e renda para os oprimidos.

As questões de saúde e educação pública praticamente privatizada, além do desemprego estrutural, da fome que assola o mundo inteiro e a violência crescente instalada, a juventude entrelaçada com o narcotráfico e submetida no consumo de álcool e drogas em geral são consequências nítidas e exclusivamente do capitalismo decadente.

O fato é que o capitalismo sobrevive da exploração da força de trabalho humana e se sustenta nos pilares arquitetados e estruturados por sua classe dominante e detentora dos meios de produção, tais como os aparatos ideológicos como igreja, parlamento, imprensa e mídia burguesa como forma de pregar ideologicamente à população oprimida que é possível, segundo eles, resolver algumas questões pontuais. O que não passa pela cabeça do povo é que a falácia e a demagogia política nada mais são senão uma forma de propaganda para continuar se perpetuando enquanto classe social dominante, para continuar com a superexploração vigente e, além disso, ainda ludibriam o povo ao colocarem sobre a mesa de poucos, migalhas que se quer dá para amenizar a fome.

IX

Das conformações com o regime, ideologia e sua política.

A luta da burguesia imperialista em 1914 quando da primeira grande guerra mundial por anexações, disputa por mercados e matérias-primas já demonstrava o desespero desta para uma saída momentânea da crise do seu sistema, porém, uma saída violenta e destruidora de forças produtivas. Nessa época os sociais-democratas alemães da II Internacional já se mostraram estar do lado dos imperialistas no

sentido de ajudá-los a vencer essa batalha e mantê-los no domínio do sistema e na superexploração da força de trabalho humana. Foi então quando os imperialistas pediram ajuda financeira ao parlamento alemão e com exceção do autêntico revolucionário Karl Liebknecht, os sociais-democratas liderados por um dos maiores traidores da revolução socialista - Karl Kautsky (banda podre da II Internacional)

votaram os créditos de guerra. Nesse momento o então partido mundial da revolução socialista se esfacelou por completo, mas na continuidade da guerra os Bolcheviques liderados por Lênin totalmente estruturados e inseridos no seio das massas operárias e camponesas, souberam aproveitar esse momento para assim tomar o poder político das mãos da burguesia imperialista na União Soviética. Para dar vazão a luta de classes em escala mundial devido à traição dos sociais-democratas, do papel desempenhado pelos revolucionários marxistas na União Soviética e para abrir o cerco da burguesia imperialista à Rússia Soviética é que foi necessária a fundação de um novo partido mundial para a revolução socialista – a III Internacional Comunista de Lênin e Trotsky. O processo revolucionário Russo caminhava dentro dos problemas do atraso do país e do isolamento da revolução até que em 1924 o Bolchevista Lênin e grande organizador revolucionário morre. Sua morte juntamente com o extermínio Stalinista dos quadros revolucionários conforma-se na maior traição que o Movimento Operário Internacional nunca e jamais imaginado. O “Internacionalismo proletário” e a Revolução Russas passa a ser representada pela ascensão ao poder de Stalin com sua política de revolução num só país, além da perseguição até a morte aos marxistas revolucionários que se opunham ao seu regime e o completo desmantelamento dos Sovietes, peça fundamental para o processo de construção da sociedade socialista em escala mundial.

Devido ao desmoronamento da III Internacional Comunista e com a política stalinista instalada praticamente em todo o mundo é que a burguesia imperialista pôde ir se recompondo, se aparelhando, inclusive ideologicamente, como forma de combater e controlar a luta de classes em escala mundial. A IV Internacional Comunista de Trotsky, se não fosse sua morte prematura, assim como a de Lênin durante o processo de construção da III Internacional Comunista, seria sem sombra de dúvida uma nova e eficaz ferramenta de luta de classes em

escala mundial para combater essa nova recomposição e reconquista de posições estratégicas da burguesia mundial e imperialista.

Para desespero da classe operária e dos oprimidos do mundo inteiro também a IV Internacional após a morte de Trotsky e principalmente após as teses do VII Congresso da IC inicia-se uma marcha de rompimentos e rompimentos e sua manchar programática na adesão das frentes populares e no oportunismo e centrismo sem par.

No processo de coroamento da burguesia imperialista em que reassume seu papel enquanto classe dominante, principalmente nos países onde a luta de classes avançou. O movimento operário foi se recolhendo aos poucos para chegar a onde estamos hoje, quase completamente esfacelados, isolado e controlado pelos burocratas reformistas e conciliadores de classes encastelados nas organizações operárias, fazendo destas e dos espaços no seu interior, sua propriedade privada; os sociais-democratas, os stalinistas, os renegados do trotskismo, os sindicalistas reformistas desde Amsterdã e os partidos burgueses e pequeno-burgueses adaptados a ordem burguesa são um obstáculo para o avançar da luta de classes internacional e mesmo que essa luta seja por questões mais simples estes dão um jeito de freá-las para não romper os laços estabelecidos com a burguesia em geral.

É evidente que luta de classes ocorre constantemente em várias partes do mundo, seja ela contra governos como o ocorrido na Argentina, Bolívia e Equador; pela manutenção dos direitos e emprego e contra a segregação racial como está ocorrendo na França; e aquelas por reivindicações desde as mais elementares, mesmo que sejam isoladas, mas sobretudo isso demonstra que apesar do controle dos burocratas e da ideologia burguesa o fator que predomina tem quase sempre sido o ascenso inconsistente das massas.

A burguesia imperialista vendo que em alguns países as contradições capitalistas estão mais acirradas do que em outros, de

que: necessitavam e necessitam de promover reformas que atacam diretamente a vida do trabalhador, tratou de – nos moldes da conjuntura política e econômica atual – apoiar os governos de Frentes Populares, aquelas que conjugam os sindicatos e

movimentos sociais entrelaçados aos principais figurões e partidos ou mesmo coligações partidárias que assumem a dianteira na administração do grande capital.

X

Do Partido Programa

Diante da impossibilidade de no capitalismo na sua fase atual imperialista os trabalhadores ter seus problemas resolvidos e devido à crise de direção internacional e histórica do proletariado, faz-se necessário o quanto antes à construção da principal ferramenta de emancipação da classe proletária. Não nos faltam evidências e demonstrações históricas do que foi e do que fez o movimento operário internacional tendo a sua frente a organização estruturada nos princípios marxista - leninista capaz de se opor e colocar em cheque o regime vigente e seus detentores. É sob esse prisma que temos que continuar trabalhando para construir essa importante ferramenta – o partido mundial da revolução proletária.

É pelo trabalho comum cotidiano nas organizações do partido que se estreitarão os laços entre os diferentes grupos e os diferentes membros. No partido Comunista a regularidade na participação da maioria dos membros no trabalho político do dia-a-dia é uma premissa de todos. E o seu maior defeito é a causa de uma certeza perpétua de seu desenvolvimento. A adoção de um programa operário marxista é apenas a vontade de ser marxista. Se a isso não acrescentarem ações comunistas e se, na organização do trabalho político, a passividade da massa dos membros for mantida, o partido não cumprirá a mínima parte do que promete ao proletariado pela aceitação de um programa operário marxista. A primeira condição de uma realização séria desse programa é, pois, o exercício de todos os membros no trabalho cotidiano permanente. (texto extraído do 3º

Congresso da III Internacional Comunista)

O partido programa ou o partido operário marxista é algo que sintetiza uma ação política comum da militância da organização. O programa revolucionário deve ter a potencialidade de se inserir imediatamente na vida concreta das massas, nas suas aspirações mais elementares e profundas. Para a classe operária, a liberdade só pode ser buscada na justa compreensão e realização de suas próprias necessidades históricas. Este programa não pode ser entendido como um conjunto de frases ensolaradas ou como um conjunto de palavras de ordem. Se assim o for, não passa de um amontoado de idealismo burguês. O idealismo burguês nunca serviu para o processo de emancipação da classe operária, ao contrário, este foi justamente idealizado para impedir custe o que custar que a classe operária atingisse o grau máximo de consciência de classe que pudesse se contrapor a ideologia da burguesia, as contradições do seu sistema e o próprio regime.

No Manifesto de 1848, Marx e Engels formularam as bases precisas de um programa revolucionário para a classe operária. A concepção materialista da história, a pauperização progressiva das massas pelo capital, o caráter político da luta de classes e a conseqüente necessidade de organização do proletariado em partido próprio, a natureza de classe de todo governo e do Estado, a necessidade da luta dos operários pelo poder político, o caráter internacional do proletariado e da revolução proletária são algumas

das concepções que, no Manifesto Comunista, acabaram por constituir o marxismo como teoria revolucionária

dos trabalhadores. (*citação extraída do livro: a questão do programa de Lênin e Trotsky*)

Células

A manutenção da vida dos animais parte da manutenção de funções vitais do organismo. Todo organismo vivo é composto por Células. No caso animal as Células são compostas por várias organelas (parte fundamentais) que em trabalho coletivo e harmônico devido às orientações do Núcleo Central processam substâncias essenciais à vida. Diante disso podemos separar a Célula e caracterizar cada função fisiológica com suas necessidades básicas que vai desde sua alimentação (troca de substâncias) até sua morte. A partir de uma linha preexistente herdada da composição do DNA é que são realizadas reproduções diversas no organismo. Existe a necessidade de respiração através da troca de oxigênio que ocorre na Mitocôndria sem a qual não existiria a captação de energia necessária para todas as atividades. A partir dessa energia é que ocorre a captação de substâncias e essenciais como água e alimentos pela permeabilidade seletiva da Membrana Plasmática. As substâncias produzidas pela Célula são organizadas no Aparelho de Golgi em sacos membranosos, tais como as proteínas produzidas pelos Ribossomos e são transportadas pelos Retículos endoplasmáticos Lisos e rugosos. A excreção de resíduos são realizados pelos Lisossomos. Porém todas estas atividades estão sob o controle do Núcleo onde são encontradas todas as informações herdadas e localizadas no DNA. Sem a orientação de como processar todas as atividades a Célula não funciona harmonicamente e pode até morrer.

Com vista a tais descrições podemos relacionar a vida de qualquer organização marxista revolucionária à funcionalidade das células. Podemos comparar o Núcleo da célula com o programa herdado pela classe operária que em diversas épocas pôde adquirir experiência nas lutas diversas desde

a formação das primeiras fábricas e a tomada dos meios de produção pela burguesia e as condições de organizações que vieram modificando-se até os dias atuais. É perfeitamente compreendida a necessidade de trabalho harmônico para a manutenção da vida do organismo. Se por qualquer razão deixa-se de existir informações programáticas essenciais que estão intimamente ligadas à orientação política do Partido Programa à obtenção de esforço e coesão no sentido de manter um trabalho programático capaz de provocar transformações profundas no processo de transição do capitalismo para o socialismo, isto pode comprometer a razão pela qual as Células organizadas por ramos de produção ou por categorias existem.

As células operárias são grupos preparados/formados para intervir com o trabalho de propaganda, organização e agitação cotidiana nas empresas, fábricas, sindicatos, associações proletárias, unidades militares, ou melhor em todos os lugares onde haja membros ou candidatos ao partido. Se houver vários deles numa mesma empresa ou sindicato, o grupo se tornará uma fração cujo trabalho será dirigido pelo grupo da célula. Se for preciso formar primeiramente uma fração mais vasta e de oposição geral, ou se for preciso simplesmente fazer parte de uma organização já existente, os marxistas deverão se esforçar para obter a direção para a sua célula. (extraído do 3º Congresso da III Internacional Comunista).

A célula partidária é a essência, é a unidade fundamental viva da organização, com vida própria, desde que os seus quadros/militantes não ultrapassem os limites da Democracia Operária, do Programa do Partido e do Centralismo Democrático na essência – defesa dos ideais, dos princípios e da moral revolucionária.

Para que a organização tenha vida própria e longínqua, e deve ter, pois o capitalismo não cairá por si só, é necessário que os quadros organizados nas Células tenham penetração no seio da sua classe, através da intervenção direta e prática no interior de suas organizações operárias e de massas, bem como atuar na agitação e propaganda política.

A pós o período de estágio na pré-célula, através dos primeiros contatos com o material teórico - programático da organização ocasião em que: terá contato com os documentos históricos da classe operária internacional, o pretense militante submete-se a uma bagagem de informações que vão desde as contradições do regime de exploração capitalista ao qual faz parte, até a forma em que será possível o entendimento de como fazer o combate ao capitalismo e a necessária socialização dos meios de produção. Tratando-se do proletário moderno na definição de Marx o alinhamento de seus instintos de classe advindo do lugar que ocupa no processo de produção aos conceitos marxistas. Após este primeiro contato é possível perceber que suas necessidades estão contempladas no processo de aceitação teórico e prático da organização. Ao ingressar na organização o militante começa a participar diretamente das atividades diversas da organização. Tendo atingido a conscientização inicial e: aceitando o programa do partido o mesmo passa a atuar num organismo interno superior no qual terá mais contato na essência do programa, além de começar ou continuar atuando com mais

coerência e coesão na luta de classes de forma a ampliar seu aprendizado no que se refere o processo de construção e formação do marxista revolucionária nos marcos do centralismo democrático.

Para ser membro do partido operário marxista, é necessário, de maneira geral, além da convicção marxista, cumprir também com as formalidades da inscrição, primeiro como candidato e em seguida como membro, se for o caso. É necessário também contribuir regularmente com as cotizações estabelecidas, a assinatura do jornal do partido e etc. Mas o mais importante é a participação de cada um no trabalho cotidiano. (extraído do 3º Congresso da III Internacional Comunista).

Como bem percebemos, a forma de organização da célula nos animais em que cada organismo interno desempenha uma função específica e em consonância uma com outra, com autonomia, mas sem desprezar nem desrespeitar as orientações do Centro de Comando – o Núcleo. O mesmo ocorre na organização revolucionária – no partido programa, em que as células organizadas por ramos de produção ou por categorias profissionais devem desempenhar sua ação dentro dos princípios e linha política do partido, assim como de acordo com a orientação programática aprovada no Congresso cabendo ao Comitê Central e a própria militância o zelo e a garantia de tal aplicabilidade programática coletivamente aprovada.

Da formação do militante

Todo partido operário marxista deve, então, em seus esforços para ter apenas membros verdadeiramente ativos, exigir de cada um dos que figuram em suas fileiras que coloque à disposição de seu partido sua força e seu tempo, na medida em que possa dispor, nas circunstâncias dadas, dar o melhor de si ao partido e a luta revolucionária.

A condição necessária e suficiente para ingressar e atuar num partido revolucionário está na forma como o militante revolucionário assimila a literatura marxista e na forma de organização do bolchevismo, ou seja, partido de quadros com penetração no seio das massas por meio de suas organizações. Não há como obter essa formação se não estiver organizado numa das estruturas internas da organização

– as células. São nas células organizadas e estruturadas de conformidade com o ramo de atividade ou por categorias profissionais que vão dar acabamento ao esboço de militante revolucionário marxista; que as lições marxistas assimiladas no interior de cada um desses organismos tenham reflexos diretos no local de trabalho de cada militante como forma de ajudar a organizar os trabalhadores em torno das reivindicações gerais da classe, além de permitir um trabalho conciso no campo da propaganda revolucionária.

O tempo de dedicação aos estudos sobre o marxismo revolucionário deve ser constante e ininterrupto. Não devemos contentar somente com o período semanal regular das células devemos acrescentar este com leituras várias. Recorrer aos clássicos do Marxismo se torna fundamental, discussões e elaborações conforme a necessidade e o grau de envolvimento com a luta diária nas organizações operárias e nos movimentos sindical e popular.

A formação do militante começa e termina na célula e não pode ser entendida

como meio ou fim. A leitura do programa da organização e de outras literaturas por si só não pode ser considerada suficiente para esta formação. É condição também necessária e inerente para a formação do quadro revolucionário marxista que tenha poder de elaboração teórica e que seja capaz de fazer excelentes intervenções no cotidiano das lutas e de ter a capacidade de atrair militantes para o seu campo de atuação, bem como para a organização. Um dos trabalhos mais importante que a célula pode fazer no campo da propaganda, abertura de contatos, organização, formação, elaboração e agitação revolucionária é a combinação teórico-prático da tarefa coletiva de elaboração e confecção do jornal partidário. Este trabalho servirá para esclarecer as distorções programáticas dos pseudos marxistas. A elaboração e confecção do jornal fabril e etc. não é peça menos importante que o jornal da organização. É este que vai tratar das questões concretas da classe explorada, bem como se tornar referência da organização no seio da classe.

Da intervenção na luta de classes

A arte da organização comunista consiste em utilizar tudo e todos na luta proletária de classes, em repartir racionalmente entre todos os membros do partido o trabalho político e, por seu intermédio, levar as grandes massas do proletariado ao movimento revolucionário, a manter firmemente em suas mãos a direção do conjunto do movimento, não pela força do poder, mas pela força da autoridade/do conhecimento científico, da experiência, da capacidade e da tolerância. (texto extraído do 3º Congresso da III Internacional Comunista e complementado por nós)

O programa do partido deve levar a militância organizada nos organismos internos deste, a compreensão da necessidade de intervir diretamente nas lutas que surgem, mesmo que estas sejam isoladas e controladas pela burocracia reformista. É

nesse contato com as massas que a organização deve distribuir seus materiais de propaganda como folhetos e jornais quando não puder intervir na condição de orador. Mas, nos momentos em que puder fazer as duas coisas (propaganda e discurso) é porque os quadros da organização já conseguiram penetrar nos organismos operários, Essa é a essência: a de que para que haja intervenção concreta no cotidiano das massas e com um programa que abrace a causa dos oprimidos deve ter como condição sine-qua-non a participação orgânica nas organizações operárias.

Os marxistas não podem desprezar essa condição necessária para o processo de construção do partido operário marxista que é a condição de que seus quadros estejam inseridos entre os trabalhadores. Caso contrário, a nossa atuação tenderá a ser

oportunista e tão somente ficarmos na falácia e a mercê dos organizadores de derrotas como os sociais-democratas, os reformistas etc. Os autênticos revolucionários marxistas foram e são preparados para tomar em suas mãos à dianteira do movimento operário custe o que custar. Por si só o proletariado, mesmo com seu instinto de classe, não será capaz de tomar o poder político da burguesia para si; nem somente os sindicatos com seus burocratas poderão vencer as barreiras impostas pelo capitalismo na atual conjuntura política e econômica; muito menos os revolucionários marxistas sem estarem no interior desses organismos

trabalhando com o programa da classe poderá ser capaz de alavancar a luta revolucionária contra o poder do capital e sua classe. Negar os primeiros pilares operários da luta de classes é negar na essência a luta de classes. A luta por fora dessas organizações tem sido um equívoco de muitas organizações que reivindicam, inclusive do marxismo revolucionário. Estes almejam construir os sovietes sem partido revolucionário e sem atuar concretamente nas organizações operárias e de massas, ao contrário desejam construir sovietes com um aglomerado, aqui e acolá, de renegados de todas as matizes políticas.

Dos contatos

Aqui podemos falar de vários tipos de contatos. O contato direto com as massas através das reivindicações transitórias, da atuação programática e nos moldes descrito logo acima; ou podemos falar de contatos no sentido de irmos ao caminho da aproximação de militantes pertencentes a outras organizações que se encontram descontentes com o seu programa interno. Temos também os contatos com os militantes não organizados e inconscientes.

Então, o segundo e o terceiro advêm do primeiro e a condição para isso é o de que os militantes revolucionários devem estar inseridos no meio das massas, no enfrentamento direto contra o capital, bem como fazendo uma combinação desta com a propaganda revolucionária.

Os marxistas devem também sempre tentar atrair para a esfera de influência do partido os operários não organizados e inconscientes- contatos . Nossas células e frações devem fazer de tudo para que surja o movimento entre os operários, para fazê-los entrar nos sindicatos e ler nosso material. Podemos nos servir igualmente de outras uniões operárias na qualidade de intermediários para propagar nossa

influência, tais como sociedades esportivas, teatrais, etc. (trecho extraído do 3º Congresso da III Internacional Comunista).

Se partirmos do princípio de que nem o proletariado nem sua luta têm fronteiras, é internacional, a construção de sua principal ferramenta – a IV Internacional Comunista como forma de dá seqüência ao trotskismo e sua política de revolução permanente, é primeira necessidade de qualquer organização revolucionária e internacionalista ter uma relação estreita com organizações ou membros de organizações de outros países.

O combate ao capitalismo é mundial porque a burguesia é também mundial. Logo a organização revolucionária do proletariado também deve ser mundial. Por isso, todo esforço será ínfimo e tardio para a construção dessa estrutura marxista.

A direção da organização deve fazer de tudo para que haja esse tipo de contato, pois sem o engajamento concreto e contínuo todo esforço para a construção da seção nacional como parte da IV Internacional poderá virar letra morta.

Do trabalho de base

O trabalho de base começa e termina onde cada militante do partido trabalha profissionalmente, seja na propaganda agitativa com folhetos explicativos sobre as questões concretas do dia-a-dia que afligem a vida do proletariado; o levantamento das reivindicações parciais desde as mais elementares pode ser a principal forma de começar organizar os trabalhadores e até mesmo de atraí-los para as proximidades da organização.

O engendramento desse trabalho somente pode ser arquitetado com precisão no interior da organização, seja no núcleo dirigente em consonância direta com os organismos internos do partido, seja na própria célula, local onde se processa todas as informações programáticas da organização, bem como as tarefas concretas que cada militante terá que desempenhar nos mais diversos lugares. O jornal fabril é uma necessidade primeira de toda organização revolucionária marxista. Sem esse instrumento todo esforço do militante poderá ser em vão

Da organização no interior das fábricas

O chão da fábrica é o local onde se processa todo um mecanismo e processo de produção em que o operário vê concretamente através de sua energia e vida diária o quanto ele é capaz de produzir, mesmo inconscientemente acaba por assumir posições que apontam para a necessidade de por fim ao patrão e ao regime da propriedade privada. Porém, sem o Partido Marxista este anseio de classe acaba por ser levado e dominado pelas idéias da classe dominante, presente nos meios de comunicação burguesa, nas escolas, igrejas, acabando por se mesclar na ideologia burguesa. Cabe ressaltar que os Sindicatos dirigidos pelos revolucionários acabarão dando vazão aos anseios comunistas da classe e se transformando mesmo em escola comunista em que os anseios instintivos se mesclarão com os conceitos levando-os a incorporação partidária revolucionária. Se os militantes do partido forem capazes de fazer um trabalho

“Todo membro do partido deve, de maneira geral, em vista do trabalho político cotidiano, ser incorporado num pequeno grupo de trabalho: num comitê, numa comissão, grupo de estudos, frações de núcleo. Apenas dessa maneira o trabalho político pode ser repartido, dirigido e cumprido regularmente. É preciso fundar células para o trabalho cotidiano nos diferentes domínios da atividade política do partido para o serviço de imprensa, distribuição de literatura, contatos e etc”. (extraído do 3º Congresso da III Internacional Comunista e complemento nosso). No ramo de produção ou na categoria em que atua, ou seja: nos locais de trabalho, nos sindicatos, nas escolas trabalhando para atrair para às fileiras do partido os membros da comunidade (pais, funcionários, professores e alunos); trabalhar para envolver nesse processo os Grêmios Estudantis ou membros destes, bem como nos Centros Acadêmicos e Diretórios Acadêmicos nas universidades”.

organizativo partindo das reivindicações parciais e transitórias, bem como de propaganda, essa força motriz pode mudar as regras do jogo, ou seja, o operário pode passar da condição de um simples processador/operador para a condição de agente revolucionário, agora consciente das contradições impostas pela burguesia e seu sistema, assim como consciente de que, ele e os demais unidos pela mesma causa, poderão vencer a lógica do capital. Uma ação revolucionária se tornará concisa se esta ação for capaz de fazer com que o operariado, mesmo que seja em pequena quantidade, mas que compreenda que o caminho para resolver seus problemas não pode ser com o capitalismo e sim na luta direta das massas.

É necessário que os revolucionários tentem de todas as formas, onde quer que seja, ter um contato direto com seus colegas para ampliar a área de influência do partido, ingressar nas comissões de fábricas, tentar

mesmo no momento de calma como o que estamos vivendo para construir os comitês, mesmo que seja inicialmente para discussão política. As oposições sindicais também são outra forma de atuação não menos importante que as outras porque hoje mais do que nunca se faz necessário o combate contra a burocracia reformista que conduzem os operários à imobilidade total.

A maioria mais oprimida da classe operária só é levada à luta em momentos especiais, os de um excepcional ascenso do movimento operário. Nesses momentos, é necessário criar organizações que congreguem toda a massa em luta: os Comitês de Greves, os Comitês de Fábricas e, enfim, os Sovietes.

O movimento operário da época de transição não tem um caráter regular e igual, mas febril e explosivo. As palavras-de-ordens, assim como as formas de organização, devem estar subordinadas a este caráter do movimento.

Da intervenção nos sindicatos

Os marxistas devem estar mobilizados em grande número para participar do movimento dos operários, sobretudo durante as greves, nas reuniões de repercussão massiva. Por miúdas e modestas que sejam as reivindicações pelas quais os operários se batem hoje contra os capitalistas, os marxistas não devem jamais se furtar ao combate. Nessa atividade de agitação devemos rebater as acusações de que os marxistas são instigadores cegos de greves estúpidas e outras ações insensatas, mas devemos merecer dos operários militantes a reputação de sermos os melhores companheiros de luta.

A prática do movimento sindical mostrou que as células e frações marxistas são, muito freqüentemente, confusas e só sabem o que fazer diante das questões mais simples. É fácil, ainda que estéril, pregar sempre os princípios gerais do marxismo revolucionário para não cair no sindicalismo vulgar e sim nas questões

As greves com ocupação de fábricas, escapam aos limites do regime capitalista “normal”. Independentemente das reivindicações dos grevistas, a ocupação temporária das empresas golpeia no cerne a propriedade capitalista. Toda greve com ocupação coloca na prática a questão de saber quem é o dono da fábrica: o capitalista ou os operários. (extraído do livro: a questão do programa de Trotsky e Lênin).

Então, é nesse contexto que entra a ação revolucionária marxista e a principal ação é a de que a propaganda revolucionária entre o operariado deve ser constante e ininterrupta, mesmo em momentos de calma. É desse modo, com trabalho concreto entre os operários que os reformistas serão desmascarados pelos próprios operários. Não podemos esperar os momentos explosivos de luta de classes para iniciar nosso trabalho de campo.

concretas. Os comunistas devem, ao contrário, determinar sua atitude segundo os dados materiais do programa do partido e de cada reivindicação específica que se coloque em questão. Extraído dos 4 primeiros Congressos da III I.C.

Não há nada a esperar de conversas com os dirigentes sindicais e dos diferentes partidos burgueses, social-democratas, pequeno-burgueses e reformistas em geral, além dos revisionistas do marxismo. Contra isso se deve organizar a luta com toda energia, mas o único meio seguro e vitorioso de combatê-los consiste em provocar a separação entre base e a direção, atraindo-os para o partido, mostrando aos operários o caráter de traição às causas proletárias destes dirigentes social-traidores. Deve-se, portanto, sempre que possível, colocar primeiro esses dirigentes numa situação em que eles sejam levados ao desmascaramento, preparando assim para o ataque após esses preparativos, da forma mais enérgica.

As frações e os grupos de operários devem se preparar cuidadosamente para a participação dos marxistas revolucionários nas assembleias, conferências, reuniões e congressos das organizações sindicais. Devem também elaborar suas próprias teses e proposições, escolher seus relatores e oradores para a sua defesa, dentre aqueles camaradas mais preparados.

É preciso que as células e frações do partido façam sistematicamente os ataques práticos. Os marxistas não devem se deixar frear pelas explicações de burocratas sindicais inferiores que procura se defender de sua fraqueza, que aparece por vezes, apesar de toda a sua boa vontade, rejeitando a sua censura sobre os estatutos, às decisões

das conferências e as ordens recebidas de seus Comitês Centrais. Os marxistas devem constantemente exigir dessa burocracia inferior, respostas claras e indagar o que faz para afastar os obstáculos que ela alega existir e se está pronta para lutar para sua destruição.

É prática cotidiana dos burocratas reformistas alegarem que ainda não chegou o momento de se falar em greves porque a conjuntura não é de luta de classes nem em socialismo, quanto mais de se fazer a propaganda de como construir os pilares do socialismo – fase de transição do capitalismo para o socialismo, pois as massas ainda não estão prontas porque não são capazes de entender.

Da organização dos Comandos de Base (interfabricas, Movimento Estudantil e Popular)

O programa revolucionário marxista é a referência histórica para a organização do proletariado enquanto classe para si. Essa organização começa e termina nos locais de trabalho, passando pela participação nos sindicatos com um programa de reivindicações parciais e transitórias, pelas comissões de fábricas, de ruas, de bairros; nas escolas no fortalecimento dos Conselhos, nas Associações de Pais e Mestres, nos Grêmios Estudantis ajudando a construí-los onde não têm; nas universidades todo esforço deve ser canalizado para a participação e formação dos Centros Acadêmicos, Diretórios Acadêmicos; onde forem possíveis as oposições sindicais devem ser construídas; as associações proletárias também podem desempenhar papel importante no movimento popular.

Esses organismos são formados a partir de representações diretas de cada comunidade e tem grande importância no processo de conformação dos trabalhadores em organismos de base. São estes que vão dar energia para a vazão do movimento pelas reivindicações parciais e transitórias, assim como, se tornarão referências para a classe explorada, bem como servirão para colocar

em cheque a ideologia burguesa e suas instituições. É uma forma inicial de irmos tomando o controle das mãos de governistas e burocratas reformistas.

Mas, independente da importância que cada um desses organismos de base têm para o movimento revolucionário do proletariado, a sobrevivência dos revolucionários enquanto membros organizadores e até mesmo a continuidade desses organismos vai depender do tipo de atuação, se bem que a atuação de cada um está diretamente ligada as linhas gerais do programa revolucionário.

Uma forma de extrapolar, se for o caso, os limites burocráticos desses organismos e atrair os demais trabalhadores, estudantes e etc, são as assembleias. As assembleias são organismos superiores aos citados acima porque nelas são construídos os primeiros passos para a independência de classe e já com traços de comuna.

A participação dos revolucionários nesses organismos e a união destes em momentos de explosão social dão a conformação de Sovietes, organismos superiores da classe operária; somente estes em conformidade operário-camponês serão

capazes de se contrapor com veemência ao regime capitalista e sua corja.

Mesmo quando se tratarem de assembléias gerais organizadas pelos próprios comunistas, os grupos operários devem, no maior número possível, agir segundo um plano único, tanto antes como durante as assembléias, a fim de estarem seguros de aproveitar plenamente essas

assembléias do ponto de vista da organização e do programa.(texto extraído do 3º Congresso da III Internacional Comunista).

O exercício da Democracia Operária no interior desses organismos dará força, energia e vazão da luta diária do proletariado pelas reivindicações parciais e transitórias.

Dos Comitês

Cada comitê tem sua importância, dado o momento e o caráter em que ele foi formado. Existem comitês que não podem ser renegados por serem considerados de caráter específicos ou confusos e abertos. Seria sectarismo dos revolucionários não participar desses comitês. Por exemplo: quando se tratar do tema perseguições políticas de governos e patrões, todos sem exceção terão que estar com um pé neles.

Já os comitês de maior centralização que tem o papel de armar o proletariado para

as suas lutas não podem se dar ao luxo de aglutinar deus e diabos, ou seja, revolucionários marxistas, reformistas, anarquistas e etc. Vão existir sempre e constantemente momentos distintos para análise política e econômica mundial e nacional, para intervenção direta na luta de classe e o combate aos revisionistas do marxismo. Nesse rol de temas ainda se inclui o debate sobre partido revolucionário como ferramenta principal da luta de classes.

Da divisão do trabalho e as Células

Partindo do princípio de que a divisão do trabalho é algo já conhecido no primitivismo e com o aprimoramento imposto pelo capitalismo para produzir mais e aumentar o lucro da burguesia e que desde então a produção se tornou coletiva com usufruto individual, os quadros membros de cada célula devem ter como norte à orientação socialista de produção coletiva.

Sendo mais preciso, a divisão do trabalho na célula está vinculada diretamente à construção da ideologia socialista e não a ideologia capitalista que ainda predomina na mente de todos, sem exceção. É a base material que molda a sociedade e no nosso caso é a propriedade privada. Mesmo antes de alcançarmos o socialismo/socialização dos meios de produção se faz necessário que cada revolucionário marxista, através do trabalho coletivo no interior de cada organismo do partido, a partir do estudo da literatura marxista e da vida partidária diária,

forjem e assimile o processo de construção do ponto de vista da ideologia socialista da propriedade coletiva dos meios de produção.

A permanência do conceito de divisão do trabalho no sentido dos que pensam e os que executam fazem a perpetuação da propriedade privada levando a uma centralização burocrática e a privilégios, de forma que: se produza os teóricos (os dirigentes) e os militantes que são levados ao trabalho partidário por imposições de repartição de tarefas. O romper com a divisão do trabalho no seio partidário, o rompimento com o atraso é a forma concreta de não permitir a centralização burocrática e a sobre carga de trabalho que cada militante pode desempenhar em que uns poucos exercem em detrimento dos demais. Devemos ter claro que este rompimento não se dá por decreto e a própria formação do militante é um processo dialético e também

diferenciado, de militante a militante. Com certeza deveremos ter no Partido por um longo período diferentes níveis de militância. Infelizmente o processo histórico da luta de classe mundial também tem demonstrado que extrínseco ao desenvolvimento das forças produtivas na história não se produziu e reproduziu pensadores e revolucionários em abundância com a capacidade, visão e exatidão de um Karl Marx, por exemplo. O papel a ser desempenhado pelo núcleo dirigente do partido consiste não somente de dar a orientação programática, mas sem sombra de dúvida de ir municiando os organismos partidários no sentido de sua produção e reprodução coletiva nos marcos do programa aprovado nos Congressos, assim, se processará uma justa distribuição das tarefas concretas a cada militante do partido. Como nos ensina Lênin este trabalho de elaboração coletiva, que pode ser instrumentalizado pela elaboração e confecção do jornal partidário, nos marcos da democracia operária e do centralismo democrático deve alcançar um estado de

confiança na vida partidária e entre os camaradas. No trabalho diário do partido os militantes irão se auxiliando e fazendo romper o atraso e a insegurança. Cada militante novo devera ser auxiliado nas tarefas diárias da organização e intervenção cotidiana. É papel da Direção e da célula militante fazer ver aos camaradas novos e ao conjunto da militância que cada um deverá além do tempo valioso dedicado as discussões, estudo e elaboração na célula, se dedicar e realizar um grandioso esforço no sentido da superação do atraco e a devida capacitação para desenvolver o trabalho revolucionário em toda sua extensão.

A concepção de organização marxista extrapola os marcos do individualismo e da burocratização. A centralização se dará em vista da proteção programática e da defesa da elaboração coletiva nos marcos da base material comunista, mesmo que, como força da teoria. Esta centralização democrática não pode ser confundida com o democratismo pequeno burguês e irresponsável, bem como com os aspectos da democracia formal.

O combate à divisão do trabalho no seio da construção partidária (como sendo o combate a propriedade privada dos meios de produção)

A partir do fato que o homem é um ser social, para que possa subsistir em sua produção e reprodução, e mais tarde como agente de exploração de classes produziu na história nos seus diversos modos de produção, aprimoramento da técnica de transcendental grandeza.

No início para abster-se da condição de refém da natureza transcendendo suas adversidades. Neste sentido, em função do desenvolvimento das forças produtivas, é natural e benéfico que se proceda e desenvolva a distribuição das tarefas laborais, a própria divisão do trabalho em seu contexto coletivo (social). Esta técnica esteve sempre presente desenvolvendo-se no trabalho coletivo. Seja na coleta dos frutos, da caça e pesca, no plantio, cultivo, colheita, distribuição e manufaturação dos produtos agrícolas; seja na extração de minérios e

matérias-primas, na sua fundição e/ou preparação até o produto acabado nas modernas linhas de montagem. Sua origem e desenvolvimento acompanhou a desenvoltura da propriedade privada dos meios de produção através das diferentes épocas e sociedades. O desenvolvimento das forças produtivas e a relação de propriedade privada acabam por determinar-se no grau de divisão do trabalho presente na fase histórica. Caracterizando assim a divisão de trabalho como um termômetro para avaliar o grau de desenvolvimento das forças produtivas. No capitalismo estas forças produtivas alcançaram desenvolvimento sem igual, porém devidos as contradições intrínsecas ao modo de produção se estagnaram e estão totalmente em retrocesso, considerando a análise em seu conjunto. Somente poderá retomar seu processo de

desenvolvimento ilimitado, com a harmonização das relações de produção, ou seja, com a produção coletiva, como já o são no capitalismo e a apropriação também coletiva como deverá ser no Socialismo e em sua fase superior o Comunismo. O desenvolver das forças produtivas plenamente só se dará a partir de uma sociedade que suprima as contradições presentes nas sociedades antecessoras. A coletivização dos meios de produção em escala mundial, com a conseqüente harmonização das relações de produção, significará também a harmonização da divisão comunista do trabalho, com o acesso ao conhecimento acumulado pela humanidade de forma igualitária, desta forma a divisão do trabalho inerente ao capital terá que padecer, dando lugar assim ao Comunismo.

Logo, na medida em que esta técnica venha a ser utilizada sobre uma base exploratória e repressora de um determinado sistema social-político (principalmente em se tratando do capitalismo) surge, como mais uma de suas contradições, os aspectos negativos desta divisão do trabalho. Contradição esta, que se torna ainda mais acentuada quando a abordamos na construção partidária de algo que se almeje revolucionário.

Se o pressuposto desta divisão do trabalho em qualquer regime ou sistema é propiciar maior eficácia e praticidade no processo de produção (para menor sacrifício do homem) em primeiro plano e desenvolvimento da sociedade e do próprio indivíduo em segundo plano; então é injustificável a alienação que os processos industriais, principalmente, causam ao homem – submetendo-o – e os seus efeitos sobre a sociedade em geral. Haja vista a contribuição de Chaplin em seu filme “Tempos Modernos”; o colapso que se gera no indivíduo subjogado pela “máquina” a repetir incessantemente o seu modesto papel no processo produtivo sem, contudo, contemplar a visão deste processo como um todo ou beneficiar-se deste.

Aí se encontra o nó da questão. Num regime sustentado sobre a sede insana de lucros às custas da exploração do próprio homem é inevitável a condição do indivíduo – explorado como classe – representar apenas a função de mais uma engrenagem ou ferramenta e ser tratado como tal. Convém ao parafuso ou a ventoinha saber a sua importância no complexo aparelho ao qual pertence? Convém compreender e conhecer a função deste aparelho e todo o seu processo produtivo? Aos usurpadores deste aparelho é claro que não.

O fato é que, no caos capitalista somos uma peça cada vez mais substituível, porém, fundamental. Ter a visão do “todo” e a consciência de sua importância neste é perigoso. Ao passo que também o conhecimento do próprio processo produtivo é um privilégio do monopólio capitalista; o que nos remete a ignorância infértil de “apertar parafusos” compulsivamente como um generoso fardo hereditário.

Quando, a propósito da construção partidária que almejamos, incorporamos estes fatores a situação torna-se ainda mais catastrófica. Visto que a divisão hierárquica, compulsiva e alienatória do trabalho numa indústria, por exemplo, pulveriza o intelecto, num órgão cuja prática conflui indubitavelmente da necessidade da evolução deste mesmo intelecto esta técnica é inadmissível. Prova disto é que geralmente, sob as condições citadas, alguns venham a ser tratados na construção partidária destes organismos como “operários” simplesmente (aqueles que são incumbidos das austeras tarefas “braçais”: agitação, panfletagem, arrecadação, confecção de materiais, da sua circulação, de piquetes e confrontos) – destituídos, entretanto de qualquer questionamento; enquanto uma seleta minoria “pensante” delibera, coordena, especula, fiscaliza, julga e pune, afastando-se gradativamente das prosaicas atividades.

É inconcebível que para uma política revolucionária e marxista se incorra nestes erros. Acaso não significaria esta preocupação o que disse Marx de que “a libertação dos trabalhadores será obra dos

próprios trabalhadores” situando que a tarefa da revolução mundial não recaía sobre as dissidências pequeno-burguesas, sobre idealistas demagogos, parlamentares, eclesiastas e, muito menos, sobre os burocratas pseudo-operários? Sob a luz da experiência bolchevique acumula-se ainda melhor a aplicação concreta dos conceitos marxistas, no que se refere ao fato de não postar-se ou impor-se mecânica e dissimuladamente sobre as costas dos proletários e classes exploradas em geral para configurar-se artificialmente como a direção iluminada destas, ainda mais desvinculando-se de seus interesses e objetivos históricos transformadores.

Em seu testamento Lênin alerta sobre o perigo de degenerescência do Partido Bolchevique Soviético em função, dentre outras questões, pela burocratização no Partido expressada na cúpula do Comitê Central do Partido e especialmente sobre o demasiado poder angariado pela figura traiçoeira de seu Secretário Geral – Stalin.

Ainda que sob as circunstâncias e acontecimentos que propiciaram o estrangulamento da Revolução Russa e Proletária Mundial pela burocracia estalinista em consonância com as investidas do imperialismo, isto (a degeneração do Partido) não poderia se dar sem uma ruptura total com a democracia operária, com o centralismo democrático e internacionalismo proletário. Elementos tão essenciais para a gestão de um partido revolucionário soviético.

Se aos parasitas traiçoeiros estranguladores da Revolução Russa, responsáveis pela degeneração do Partido

Bolchevique, foi imprescindível a renúncia dissimulada destes princípios; o que esperar das vertentes que emergem do seio do movimento operário e popular que, desde seu nascedouro, valem-se dos métodos burocráticos e hierárquicos como a vil e insólita divisão alienante e compulsiva das tarefas de um Partido Revolucionário?

Em outro plano mais amplo a quem rogue por abster-se dos soviets e/ou da construção soviética, desconsiderando-os como prioridades para a construção de um Partido Proletário pela Revolução Mundial. Ora, pela interpretação de incapacidade dos soviets gerirem seus destinos no curso do processo revolucionário (ao comunismo) – reservando esta tarefa à cúpula iluminada de um Partido artificial. E ora pela “inexistência” dos soviets no cenário atual ao ponto de confrontarem-se significativamente com o capital – para serem conduzidos como gado a espera do socialismo, já que não propõe-se a construí-los (os soviets).

Superestimando a eficácia de um Partido pretensamente operário e revolucionário uma vez aleijado dos seus braços e pernas e da prática marxista. Subestimando a função dos soviets na sua tarefa transcendental de combate e destruição do capitalismo e da manutenção do Estado Socialista almejado sob a direção primordial de um Partido Proletário Marxista. Mais uma divisão arbitrária do árduo trabalho no campo revolucionário que massificaria nossos esforços cotidianos a despeito do processo de produção e do fruto que almejamos da Revolução Socialista.

XI

Reformas do Capital

Apesar da supressão violenta das revoluções socialistas; das manobras do capital acerca das especulações e câmbios dos lucros acumulados – fatores que procuram remediar a catástrofe econômica e política que se anuncia inevitável e eminente

desde mito – sustentadas pelas guerras e saques mundiais; apesar da agudização de todas as contradições sob a base da exploração e propriedade privada no regime do capital, no aprofundamento, pois, de sua crise estrutural de superprodução; o capital

ainda proclama sua sustentabilidade como um moribundo terminal, avarento que é, ornamentando sua tumba com as riquezas que angariou, levando consigo junto os seus servos, quem sabe ao inferno, como um faraó egípcio. O capital “propõe” suas reformas e políticas que adequam ainda mais a economia mundial e as relações sociais (de produção, de comércio, de direito e etc) às suas necessidades mortíferas. A isto compete a nova reestruturação produtiva mundial – que saqueia as civilizações de explorados em todo o mundo impondo a intolerância e pauperização ascendente; as guerras em curso e outras engatilhadas para assegurar as reservas materiais, os mercados, a hegemonia, a destruição do “excedente” inconveniente e o aquecimento do que se torna, em todo período de crise febril gradativa, cada vez mais importante: a indústria bélica (de destruição).

O desafio do capital consiste em como administrar a droga para remediar a morte do corpo que abriga o vírus sem, contudo, despertar seus anticorpos. Ou seja, como proceder tudo isso sem intensificar os levantes da massa famigeradas? Eis aí o papel que cumpre principalmente os reformistas e as burocracias pseudo-revolucionárias que se multiplicaram sob o advento do stalinismo.

È o papel que têm jogado os partidos burgueses e pequeno-burgueses que se entrincheiram sob a ilusão da democracia do capital, infligindo sobre a massa as mais intensas derrotas enquanto podam seus mecanismos de defesa – saiba a consciência de classe, a visão marxista, sua organização independente e a certeza que a ruptura com o capital não se dá pacificamente ou em seus meios de representação degenerados desde o início. Em escala mundial o capital engendra seus fóruns, encontros, medidas e órgãos que propagam a ideologia burguesa imobilista de uma alternativa ao capital. Ao mesmo tempo armam-se os exércitos até os dentes, pois a “paz” tremula não propicia mais lucros – na crise em que se encontra o capital – do que o fôlego que a Burguesia espera encontrar no extermínio de forças-produtivas excedentes

(ora que isto se torna cada vez mais intermitente, caótico e menos eficaz).

No Brasil, a política do imperialismo internacional encontra toda força com a ajuda de seu agente mais sagaz – o PT/Lula. Que venceu a licitação de qualidades para representar o imperialismo como força estancadora dos movimentos e revoltas sociais e dissimulador prestigiado (pela massa inconsciente ou mal intencionada) dos objetivos e necessidades da massa explorada. Hoje este governo, ora reeleito, empreende as reformas sociais (trabalhista/sindical, tributária, previdência e etc) em detrimento dos trabalhadores em geral; sustenta a ilusão de ascensão popular do poder pelas vias parlamentares e de ser ele mesmo o grande defensor dos direitos do povo (imagem difícil de sustentar a cada medida enganosa que lança – mas merece todo o crédito, pois tem se esforçado bastante); enfim, aplica as medidas de direita sob a pele da esquerda reformista, coisa que já não é mais.

Sobre esta esquerda reformista, se digladiam em insultos e denúncias deste governo, veja bem: endossando as políticas e métodos que o próprio proclamava em sua trajetória traidora e reformista, ou seja, por uma outra política econômica mais amena e responsável; por capitalismo mais humano; auditoria da dívida externa e interna. Nas festas e nos palanques gritam: ruptura com o imperialismo sem, no entanto colocar a questão do armamento proletário; reforma agrária e distribuição justa da terra; diminuição de juros para incentivar o desenvolvimento; emprego etc etc. A diferença talvez esteja no fato de que na época em que o PT eclodia como ‘alternativa’ dos trabalhadores, contra a ditadura e repressão, pela democracia (diretas já) abrigava-se nas entranhas daquele período de revolta e ascensão dos movimentos sociais os germes da burocracia reformista e imobilista que se proliferam durante as décadas seguintes até se aperfeiçoarem como toxina mórbida para a política revolucionária. O efeito destas circunstâncias é que já não se desenvolve, de nenhum lado, nem ao menos o cheiro da

atividade na luta classes. Fator que virou letra morta no movimento operário uma vez que a política gira em torno de quem e como deve conciliar as classes para gozo do capitalismo.

Os ultra-esquerdistas e marxistas em geral rotulados pela burocracia despontam-se em todas as direções teóricas a que se pode desviar do marxismo enquanto as contribuições de Lênin (bolchevismo revolucionário) e Trotsky (sua defesa e continuidade) se rendem sobre as revisões e falsificações stalinistas.

Como combater o capital e suas novas reformas diante de tal quadro? Exceto o advento do stalinismo antes da IV I.C., não

é surpresa as manobras da ideologia burguesa e suas vertentes no combate da luta de classes. Remetemo-nos ao legado do marxismo/leninismo/trotskyismo para que o seu conjunto fale por si só e justifique o porquê de: 1- o materialismo histórico e dialético ser a doutrina que destrói concretamente o capital; 2- o bolchevismo revolucionário consistir em sua prova histórica junto à Revolução Russa; 3- O programa da IV Internacional ser o acontecimento mais expressivo e atual para o combate ao “novo” imperialismo (suas reformas e demagogias) e aos excrementos stalinistas remanescentes.

XII

A atualidade do marxismo

Questão complicada para os revisores e refutadores do marxismo, logo que desde sua época Marx e Engels determinaram o dilema da civilização atual: socialismo ou barbárie. Não é por acaso que o marxismo como ciência política revolucionária e dialética foi e ainda é tão combatido pela burguesia e “incompreendido” pelos idealistas e intelectuais contemporâneos. No entanto, cumpre neste ponto abordar somente os seus revisores e dissimuladores para não rebaixar em demasia a questão. Partiremos então da compreensão de que o capitalismo é letal para civilização; o socialismo a única e primordial alternativa à civilização e que a mudança nas bases sociais e de produção da sociedade sua estratégia.

Afinal, ao contrário do que afirmou Marx, o capitalismo transformou-se ou cedeu espaço pacífico e espontaneamente a um novo sistema social assentado, talvez, sobre outras bases sociais ou em outras relações de produção? É óbvio que ainda vivemos sob um sistema que se assenta sobre a propriedade privada dos meios-de-produção; sobre a acumulação de riquezas nas mãos de uma minoria; sobre uma sociedade dividida em classes; na exploração de um homem por outro (da exploração da mão-de-obra – ponto que haveremos de retornar, pois a quem

refute que a mais-valia ainda é, entre outros, o principal meio de acumulação de riquezas do capitalismo); sobre um estado repressor sem o qual não subsiste; cujas relações de produção são contraditórias, irreconciliáveis e causadoras de sua crise irremediável. Logo, compreendemos que desde sua essência o marxismo continua vigente em sua análise e acertadamente preciso em suas deliberações para destruição do sistema atual – queremos destruí-lo –, tal como: a necessidade imperiosa da Ditadura do Proletariado; dos interesses históricos do Proletariado estarem à frente do processo revolucionário por tratar-se da classe sine-qua-non para o combate as bases do capital; o internacionalismo proletário; a expropriação da burguesia pelo fim da propriedade privada dos meios-de-produção; abolição da mais-valia; os explorados gerindo seus destinos como classe dominante através de seu Estado Soviético e pela sua gradual extinção junto às classes sociais, rumo ao comunismo.

Assim é irrefutável o marxismo em todos os seus aspectos fundamentais. Como poderia então ser obsoleta a análise que faz o marxismo para os dias atuais quando ainda o sistema que nos subjuga permanece, inclusive, sobre as bases estruturais sem as quais não sobreviveria (apesar de todos os

esforços para transformá-las a nosso favor destruindo-o).

Não, não devem ser estes os elementos que querem combater os intelectuais mais “sérios” ou pelos ideólogos pequeno-burgueses.

Deste modo interpomos outras questões que nos parecem mais convergentes com os debates atuais.

A exploração da produção, da força de trabalho (mais-valia), é ainda elementar para a geração e acumulação de riquezas sobrepondo-se as especulações de capital parasitário tal como descrito no Manifesto Comunista? Ou seja, o capitalismo ainda tenta ou precisa gerar e acumular riquezas através da produção exploratória ou apenas remaneja o capital acumulado, especulando com guerras e transações financeiras?

A crise de superprodução representa ou não – invariavelmente – o eixo das contradições sociais nas relações de produção da sociedade capitalista?

Se a Revolução de Outubro representou e representa ainda – através do Programa e Prática da III Internacional Comunista até a degeneração do Partido Bolchevique – o que propunha Marx quanto à Ditadura do Proletariado? Qual é o papel e importância dos soviets, para tanto, na época atual?

Em primeiro lugar, se o capitalismo não procede da mesma forma, em sua essência, para manter a sua produção e o processo de acumulação de riquezas então realmente seria necessária uma nova ordem no ramo das ciências político-econômicas que pudesse esclarecer como foi possível essa guinada no curso da história (tarefa para os confusionistas). Pois a consigna de socialismo ou barbárie concerne o fato de que uma superestrutura, agindo sobre a base, não permite uma ruptura com seu processo de exploração sem que seja modificada (ou destruída). Se o capitalismo encontrou realmente a terceira alternativa, para manter e aumentar a acumulação de riquezas – como

continua ocorrendo haja visto as pesquisas demonstrando um enriquecimento estarrecedor de um número cada vez mais reduzido de “famílias” e grupos econômicos – a despeito da produção (e de sua exploração, diga-se de passagem), ainda que a custa da sociedade, devem-se-lhe congratulações, enganou-os a todos.

Um dos riscos que se incorre nesta concepção além de bater com a cara na parede do Estado, buscando somente suas instituições financeiras pela cegueira, consiste em que: não foi ao acaso que o proletariado foi elencado por Marx como o coveiro do capitalismo e de que seria a classe cujos objetivos históricos deveriam guiar a revolução? Se os pressupostos marxistas estão ainda válidos, qualquer outra teorização não seria e levaria ao reformismo? O Proletariado, enfim, não por ser o mais obstinado dentre as classes, nem o mais pobre ou explorado (pelos bancos inclusive), mas por um aspecto social peculiar nas relações produtivas (que determinam o caráter da sociedade): por trabalhar coletivamente – aspecto fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade socialista; por serem completamente desprovidos dos meios de produção que possam querer conservar – anseiam o fim da propriedade privada dos meios de produção; por identificarem o processo de saque do fruto do trabalho coletivo pelo indivíduo; por serem a força motriz da sociedade junto ao trabalhador do campo do qual o capitalismo tira sustento. Negar então que o capitalismo vive principal e definitivamente desta exploração conduz a elencar outra classe e outros objetivos históricos para conduzir a Revolução Socialista (talvez por isso muitos neguem o trabalho de emancipação e organização da massa explorada – dos soviets – a partir da luta no seio operário sob sua hegemonia).

Isto não se dá ainda que o imperialismo destrua forças produtivas na tentativa de se renovar e aquecer a indústria debilitada. Não são as inversões do câmbio econômico, nem as especulações das bolsas internacionais que determinam ou

possibilitam a acumulação e geração de riquezas no capitalismo, apenas remanejam o fluxo do capital de acordo com a correlação de forças das rapinas imperialistas mundiais – através de cifras, através de pacotes e de guerras. O capital não pode viver somente sobre cifras acumuladas, assim como a sociedade não consome moedas, mas o que elas representam (os produtos necessários à subsistência tão imprescindíveis a qualquer ser vivo). Em última instância as riquezas que podem ser acumuladas mais seguramente são os meios de produção desta subsistência e tão logo o “Tio Patinhas” precise comer, beber e locomover-se luxuosamente, precisa da produção, precisa explorar o trabalho. A hegemonia imperialista se dá através disto. Onde aquele que continuar usurpando o trabalho social, com a posse dos meios de produção e a exploração do trabalho alheio, pela força, subjugará os demais.

Em segundo lugar, um sistema cuja lógica é a de acumular as riquezas em função de uma minoria regressiva, com a propriedade privada dos meios de produção, com repressão, com exploração do trabalho, assim como seus antecessores. Porém com a peculiaridade de assentar-se sobre (ou cujo mecanismo para tal acumulação é) a exploração do trabalho produtivo, industrializado, através da mais-valia e especulações comerciais. Esta é a conclusão e resposta sintetizada da primeira pergunta do ponto anterior.

Assim, a crise de superprodução está ainda hoje, obviamente, presente no sistema capitalista. Esta crise estrutural não significa que existe produção em demasia ou uma ultra-produção excedente que não necessitamos consumir. Neste caso tratar-se-ia de decidir como acessá-la e distribuí-la. A lógica do capital não nos permite isto. Trata-se de que para acumular riquezas o capital precisa explorar o trabalho e as relações comerciais, estas explorações pressupõem produção.

As relações de produção capitalistas levam-no ao dilema: explorar cada vez mais as massas trabalhadoras para angariar lucro e

sofrer a redução continua dos mercados consumidores pela pauperização gradativa que mina as condições aquisitivas a quem se destinam a produção; levam-no a crise estrutural de superprodução. Esta é uma crise insolucionável nos marcos do capitalismo. Qualquer manobra financeira não muda esta realidade, para isto teria que mudar suas estruturas de relações produtivas e comerciais teria que quebrar. Enquanto houver a crise haverá um retrocesso, um entravamento para o desenvolvimento das forças produtivas. Desenvolvimento este que significa não apenas a evolução tecnológica, mas a expansão e a própria atividade das fábricas e etc; que terão de parar a produção, parar a acumulação de lucro pela estreiteza de mercado.

Deste aspecto talvez extraíam alguns cabalmente a crise de subprodução no capitalismo ao pé e concomitantemente com a crise de superprodução. Mas no que se refere ao marxismo, este não estava soberbo com a explosão das forças produtivas no século XIX – já preconizava seu declínio devido às contradições do capital; caracterizou a crise de superprodução como estrutural por este viés contraditório que degenera as forças produtivas (o que culmina e culminou sempre no declínio de toda e qualquer civilização). A reconstrução da Europa em decorrência das guerras mundiais não configura a predominância da “crise de subprodução” capitalista, mas um reflexo das medidas capitalistas na tentativa inócua de remediar sua crise estrutural. A crise de subprodução pode haver (talvez) somente através das sanções econômicas impostas pelo imperialismo para extrair vantagens políticas/econômicas/sociais; ou nas antigas estruturas sociais existentes nos resquícios das civilizações anteriores, como nas colônias ou semi-colônias remanescentes. A crise de superprodução capitalista catalisa o conjunto das contradições capitalistas (inclusive a última referida) e por isto sua importância.

Terceiro, a importância dos soviets foi e é sine qua non para o processo revolucionário. Começa a partir da

compreensão de quem toma o poder; um forte braço artificial ou um corpo, um organismo, amparado nas massas revolucionárias. Apesar do papel condutor do proletariado no processo revolucionário, não se substitui sua indissolúvel necessidade de assentar-se como organismo das massas exploradas. Creio ter sido Lênin a dizer – não essas palavras ou em seu estrito significado – que a rigidez e austeridade do Partido Revolucionário e do Estado Operário após a revolução dependerá do nível de organicidade e sintonia com os soviets, sendo que quanto maior este distanciamento do exercício do coletivo nas deliberações do Partido, quão menor sua inserção na massa,

mais próximo estará da derrota, da contra-revolução e do reformismo.

Logo, remetendo-me a última questão, a Ditadura do Proletariado ocorrida na Rússia é a expressão e resultado do Programa e dos quatro primeiros Congressos da III Internacional comunista. A prova histórica da exatidão do marxismo; assim como a IV Internacional significou para a história o combate a degeneração dos ideais marxistas conquistados em sua essência na URSS. Não há dúvidas do papel dos soviets na Revolução de Outubro, entre outras, e de sua importância hoje e a qualquer momento para algo que se reivindique uma Revolução Socialista.

XIII

Movimento operário

“A história das sociedades é a história da luta de classes”

Esta consigna é uma contribuição do materialismo histórico e dialético – marxismo – que não pode ser desconsiderada para conduzir efetivamente toda a linha de raciocínio que se preze coerente e transformadora. Pois é fato que ao longo da história verificamos *classe contra classe*; onde a classe dominante desdobra-se para manter seu predomínio sobre a base da propriedade privada dos meios de produção, da exploração do trabalho e relações comerciais, da acumulação de riquezas em favor de uma minoria (a própria classe dominante), e da opressão sobre uma maioria explorada.

Assim, não se pode analisar o quadro social/econômico/político atual fora desta perspectiva; sem conceber as circunstâncias e acontecimentos – as características da conjuntura emergente – alheios à perspectiva do materialismo histórico e dialético. Pois que se diferencia do idealismo humanista e pequeno-burguês de negação da lógica do desenvolvimento social cuja força motriz das transformações sociais configura-se entre as contradições das relações de produção e “subsistência” de cada sociedade.

O quadro que se apresenta do movimento operário hoje é reflexo do regime social a que estamos submetidos no bojo de sua crise e desenvolvimento no transcorrer dos tempos. Quando um regime social padece é de se esperar que também saturem-se as relações sociais deste. A base contraditória deste regime produz, invariavelmente, cada vez mais conflitos a que o mesmo só pode responder com maquinações e repressões.

Todavia o *proletariado moderno* é situado pela análise marxista com uma peculiaridade: a de contrapor-se e confrontar-se diretamente com a base estrutural do capitalismo; tendendo, intrinsecamente, à superação deste sobre o seu cadáver. Logo é necessário discernir a condição em que se encontra e a importância atual do movimento operário no ensejo do processo revolucionário.

Eis aí a importância da teoria marxista para abordar, inclusive, o movimento operário hoje. Pois, com a crise generalizada de direção e devido à sua intensidade – que vem proliferando-se –, a ideologia burguesa encontra a força de que necessita para propagar prerrogativas que

pulverizam a organização e a luta das massas, assessorada pela burocracia sindical e reformistas de plantão. Uma destas prerrogativas é justamente a negação dos objetivos históricos do proletariado moderno de repúdio e combate a essência da exploração capitalista. Com o advento do stalinismo comprometeu-se seriamente o desenvolvimento da emancipação operária/popular em relação à burguesia e das políticas revolucionárias que deveriam guiar o processo da luta de classes. A traição da ampla maioria dos remanescentes comunistas – os pseudo-trotskistas – deram mais um forte golpe neste sentido, retrocedendo o campo da luta à reboque das políticas reformistas e desvirtuadas. Os métodos concretos de luta da massa operária são repelidos pelas burocracias e sua organização submetida à tutela do Estado. A cada insurreição da massa esta depara-se com o abismo do reformismo e da santa democracia burguesa. Propositalmente torna-se cada vez mais forte a influência pequeno-burguesa no seio da massa.

Contudo, as condições objetivas para a transformação social aprofundam-se intensificando as guerras, a miséria e o desemprego. As *Frentes Populares* ressurgem inevitáveis, para aplacar os conflitos em contorno a crise como um prelúdio ao fascismo. Pois o capitalismo em sua fase imperialista necessita imperiosamente subtrair às massas suas conquistas históricas; necessita encrudelecer na barbárie para extrair mais um fôlego, contendo o *back* da economia mundial às custas da retaliação de seus grilhões sociais e econômicos.

Difunde-se pela dissimulação e pela força a doutrina sindical corporativa; a luta *cor de rosa* para “manter” os direitos e conquistar migalhas que possam nos sustentar. A cada greve *branca*, a cada caravana parlamentar, a cada acordo a quatro paredes esta política torna-se desmascarada; disseminando decepções e revoltas no meio operário que não vê mais nenhuma alternativa. **Mas, estarão os movimentos operários e populares preparados para**

confrontar-se com o capital ao pé de sua reação?

Pois ao capital não mais compete à domesticação (papel incumbido as frentes populares e a aristocracia operária), mas a eliminação das forças excedentes de mercado e produção. Cabe-lhe as guerras por mercados e matérias-primas, pela hegemonia, a expurgação do “pesos sociais” e o extermínio de fontes inconvenientes. Luta de classes afinal.

As classes exploradas expropriadas, desta vez, de seus mecanismos de defesa e de seu ideal transformador encontram-se em confronto direto por sua existência (Bolívia, Iraque, Palestina...). **Será secundário, pois, construir estes mecanismos? Pode-se construí-los alheios à *idéia marxista*? O pacifismo pequeno-burguês; a infantilidade burocrata/sindical; as pretensões e pressões parlamentares; a santa devoção humanista estarão à altura da guerra contra o capital?**

O *resgate programático* da política revolucionária e o *reagrupamento da vanguarda marxista* estão na ordem do dia para que se possa prover a massa dos seus mecanismos de combate e superação ao capital, inexoravelmente. O combate as direções traidoras, incongruentes e imobilistas não se dá sem isso.

A construção *internacionalista*, *partidária* e *soviética* deve ser o prisma da luta de classes rumo ao comunismo. Não pode desenvolver-se atrelada à ideologia burguesa ou pequeno-burguesa, subordinada aos agentes do capital (burocracias sindicais por exemplo). Devendo-lhes transcender os obstáculos cravados nas organizações operárias e populares; construindo e disseminando os *comandos de base*, as *assembleias imperiosas* e *deliberativas*; a *democracia operária* enfim, como uma forma de organização soviética. Empunhar e empreender as lutas de ação direta das massas por suas necessidades imediatas desenvolvendo sem capitulação a teoria e a

prática marxista; forjando os comitês de auto defesa em sua disciplina revolucionária para gerar, a partir desta luta concreta, o *partido revolucionário internacionalista* com um

programa verdadeiramente dialético e marxista.

Movimento operário internacionalista

O Programa de Transição (Leon Trotsky), gestado a partir da necessidade teórica e prática socialista, compreende o método de abordagem marxista na prática revolucionária. De que o processo revolucionário se dá com indissolúvel ligação entre a teoria e a prática de construção partidária e soviética. Quando abordamos o caráter internacionalista do movimento operário recaímos sobre esta questão.

O capitalismo é internacional e em sua fase imperialista, principalmente – assim como este transpõe as fronteiras nacionais e diplomáticas para rapinagem econômica e social – a atividade revolucionária não tem fronteiras. A política de “socialismo em um só país” infligiu a maior traição ao internacionalismo proletário, culminando na tentativa de extermínio da práxis marxista revolucionária.

Diferentemente de outras épocas no imperialismo tal qual se encontra qualquer investida ou manobra do capital faz-se sentir em todos os cantos do planeta. Debilitado que está, a cada ação do capitalismo estremece a economia mundial. As reformas neoliberais atingem diretamente a subsistência e a tolerância do explorados. As Frentes Populares adotadas na América Latina, por exemplo, acirram os conflitos sociais e “Põe-a-pique” a falácia de sustentabilidade do capitalismo. As intervenções militares, como no Iraque, estreitam as possibilidades diplomáticas anunciando o choque eminente. A pauperização deflagra-se a cada sanção que impõe o imperialismo às frágeis economias do submundo. Os planos e pacotes econômicos não acolhem nem os interesses das camadas pequeno-burguesas assentadas sobre o proletariado e campesinato. A cada moeda trocada a tapa pelos monopólios

tenciona-se a balança em detrimento dos explorados.

Diante deste quadro surge mais sagas o instinto antiimperialista e dele se aproveitam os setores descontentados da burguesia e as vertentes reformistas e pseudo-revolucionárias; desvirtuando a essência do internacionalismo: de que o objetivo é libertar-se de um inimigo em comum, ou seja, o imperialismo; e de que a luta se dá também em conjunto onde quer que intervenha o capital. No entanto, não há luta consistente sem organicidade suficiente para combater os Estados armados até os dentes. O primeiro desafio é o de impedir dentro de suas próprias “fronteiras” que o Estado opressor venha auxiliar ou empreender a retaliação aos seus irmãos de classe mundo afora. A grande traição da II Internacional consistiu, entre outras coisas, em votar créditos de guerra na mórbida dança das nações imperialistas.

Todavia, a luz da experiência III I. C. fica mais claro os elementos que levaram a II I. a incorrer nesta traição. Pois que a negação do internacionalismo principia-se na negação do materialismo dialético. A diferença de atuar na luta de classes emancipando os explorados da ideologia burguesa e organizando-os para destruição do capitalismo através da ditadura do Proletariado; e o recrutamento da massa sob os interesses escusos de um programa social-democrata abstrato.

Se na fase imperialista cada greve consiste em um ataque ao tênue equilíbrio do capital; como pode combater-se o imperialismo sem destruir o regime que o sustenta? Desta forma empunhar bandeiras de nacionalização, reforma agrária, contra os pacotes e blocos econômicos, soberania nacional recaem sobre o oportunismo

reformista quando não contrapõem-se de fato com o capitalismo.

Concretamente a construção internacional não se dá sob valores abstratos. O programa formulado à base da luta e das *idéias* revolucionárias da classe proletária é o catalisador das necessidades desta classe e antídoto ao capital. A construção do Partido Internacional Marxista é condição *si-ne-quanon* para contrapor-se ao capital e empreender a Revolução Socialista e seu programa deve expressar estes aspectos. Porém este partido não se constrói mecanicamente, sua qualidade e eficácia estão condicionados à sua indissolubilidade com a luta, com os objetivos históricos do proletariado e com sua organicidade. A luta revolucionária e a construção partidária não são possíveis alheias à construção soviética. Isto deve desenvolver-se com a ação política deste partido; a ferramenta necessária a revolução.

Aqueles que almejam a revolução e a construção partidária desvinculado dos Sovietes roga pela derrota e degeneração. Diversas correntes valem-se assim da imaturidade soviética para abster-se dessa responsabilidade. Os saltos quantitativos tão comuns em épocas de turbulência nunca evoluirão de qualidade sob ausência de um partido fundido às classes operárias e camponesas que possa conduzir, desde muito, o fervor soviético. O foquismo é prova disto.

Este partido não consiste numa cúpula de vanguarda onipotente que atua

galgando cargos e direções nas organizações proletárias. Como expressado nos congressos da III I. C. a vanguarda revolucionária se compõe através da organicidade e luta da classe operária. Os Sovietes devem se compor nesta luta através de seus comandos de base, suas assembléias imperativas, suas delegações revogáveis, com a vigência da democracia operária. Na medida em que o partido fermentar os soviets e conduzi-los sob a luta a revolucionária marxista, estará provocando as armas conscientes da Revolução (sua qualidade e intensidade determinarão o resultado).

Os sindicatos não fogem a esta lógica e nos dias atuais sua importância não sucumbiu. Devem representar o vínculo para a luta e vida do movimento operário e camponês. A ponte entre a consciência das massas forjada na experiência de suas lutas e suas desventuras. Deve acolher a luta dos explorados e organiza-los para combater de fato seus algozes. A própria construção soviética passa por estes organismos. Combater a influência burguesa e pequeno-burguesa neste espaço é estratégico para constituir à dualidade de poder. Contudo, a estes organismos principalmente sob sua crescente burocratização, estatização e descaracterização da luta e métodos, impõe-se limites ainda maiores que sua abrangência numérica que só podem ser transcendidos pelo partido e pelos soviets, respectivamente.

XIV

Proposta de declaração às correntes:

Pontos de programa para intervenção concreta

Neste momento em que o carniceiro Bush comparece ao Brasil, com o intuito de pressionar para uma maior integração dos governos de cunhos “nacionalistas” e populistas com fachada de “esquerda Socialista” da América aos objetivos estratégicos do Imperialismo e dos EUA se

utilizando do governo de frente popular e corrupto como de Lula/PT.

Que ao contrário das diversas organizações que se posam de esquerda e de Partidos que nos governos ou em direções de Sindicatos e Centrais Sindicais levam a vida

defendendo a conciliação de classe em favor do grande capital e do imperialismo, agora com a visita do carniceiro Bush vem as Ruas com ares de antiimperialistas e anticapitalista. As organizações abaixo

assinada participarão e organizarão repúdio a este fascista que no momento representa o capital financeiro dos EUA e do conjunto do imperialismo propondo e defendendo os seguintes pontos programáticos para a ação:

Trabalharmos internacionalmente a deflagração de uma greve Geral:

- contra as reformas imperialistas e a destruições dos direitos que ocorrem em todo o planeta e no Brasil defendemos: abaixo a reforma trabalhista, sindical, previdenciária e educativa e o supersimples;
- a defesa do emprego para todos e a escala móvel das horas de trabalho;
- Basta de superexploração dos salários de miséria - salário mínimo vital que atenda as necessidades de uma família típica de 1200 dólares e o conseqüente reajuste automático do salário conforme o custo de vida;
- abaixo o reformismo Cutista e Forcista que defendem o salário mínimo de fome de R\$350,00, abaixo também o reformismo do PSTU e da CONLUTAS que defendem um salário mínimo de R\$ 1400, 00 em 4 anos, pois os trabalhadores necessitam comer todos os dias não podendo esperar por 1460 dias;
- por um organismo Internacional dos trabalhadores de aferição dos preços e do custo de vida nos diversos países;
- por um plano de obras públicas, moradias, escolas, hospitais, creches, áreas de lazer, estradas e infra-estrutura urbana em geral;
- nenhuma terceirização e nenhum emprego sem registro;
- trabalho igual salário igual;
- abaixo os planos econômicos do imperialismo, no Brasil o PAC que saqueia os direitos trabalhistas como o FGTS para entregá-los aos patrões com a falácia de desenvolvimento econômico;
- abaixo a política de enganar e submeter os trabalhadores aos plano de demissões voluntárias e aos bancos de horas;
- readmissão imediata de todos os trabalhadores demitidos da Volks, da Varig e das Universidades;
- estatização imediata, sob o controle dos trabalhadores de qualquer empresa que suspenda, demita trabalhadores ou fechem suas portas diretamente;
- Abaixo os Governos de Castro, Lula, Tabaré Vazquez, Kirchner, Chaves e Evo Morales que representam e envolvem na América uma política de conter o movimento independente, remetendo a luta pela via parlamentar e pacífica na ordem burguesa em sintonia com a política idealista e burguesa do Fórum Social Mundial que influência e submete inclusive a CONLUTAS nos marcos reformistas. Que as massas assumam o poder através de suas organizações e luta direta;
- pela derrota militar das tropas imperialistas e a vitória da heróica resistência iraquiana! Paremos a agressão dos carniceiros imperialistas Republicanos e Democratas contra a nação Iraniana!
- pelo triunfo da revolução operária e camponesa na Bolívia!
- abaixo a política de conciliação de classe e as Frentes Populares;
- abaixo as burocracias sindicais que são o sustentáculo do capitalismo decadente;
- não a divisão do movimento e o desvio burocrático de divisão da classe, não ao teatro da “luta de classe” do PSTU e PSOL, com seus grupos de trabalho e política de Gênero;

- para deflagrar corretamente a greve geral como uma luta realmente antiimperialista e anticapitalista é necessário forjar os Comitês de auto defesa os Comandos de Base e etc.. Rompendo desta forma com o imobilismo reformista, esquerdista e o burocratismo parasitário encarnado nas organizações operárias e populares.

Para derrotar a burocracia, o reformismo e os governos de frente populares, bem como, a grande estrutura e superestrutura do capital. Haveremos de constituímos organismos de coordenação de lutas a nível internacional: os Comandos de Base, os Cabildes independente da burguesia, as barricadas nas ruas e avenidas, as Centrais Proletárias Soviéticas em todos os países e a luta independente da classe operária na direção de agrupar os oprimidos em geral, contrapondo as manobras distracionistas e burocráticas dos reformistas com ação direita das massas.

- * A baixo o Mercosul a serviço das multinacionais;
- * Pela expropriação de todos os monopólios e a restatização completa das empresas privatizadas sem nenhum pagamento, sob o controle dos trabalhadores, com administração coletiva e sem a exploração do trabalho;
- * Pelo direito dos operários e camponeses Bolivianos de recuperar a produção de hidrocarbonetos e minerais, inclusive reivindicando a expropriação da Petrobrás sem nenhuma indenização;
- * Que a luta antiimperialista se dá realmente com uma política que desmascare também, os governos de: Lula, Kirchner, Evo Morales, Chaves, Tabaré Vazquez, Bechelet e suas sustentações nos organismos operários como são os aparatos de contenção da CUT, CGT, CTA, COB, a burocracia restauracionista castrista organizadas e participantes do Fórum Social Mundial e na farsa da “Revolução bolivariana”. Porém também haveremos de enfrentar as burocracias de “esquerda”, como as do PSTU/PSOL, que transformam a CONLUTAS em uma central sindical com conformação de uma outra Frente Popular em gestação na América no sentido de mais um esteio patronal;
- * Basta de dividir as organizações e a luta operária, basta de lutas isoladas, coordenação nacional e internacional de todos os trabalhadores em luta.

Para enfrentarmos e por abaixo o grande capital e seu regime decadente, no Brasil:

Haveremos de derrotarmos as direções da CONLUTAS e a Intersindical homogeneizadas pelo PSTU/PSOL, que se submetem a política de frente popular, a burocracia castrista restauracionista e ao Fórum Social Mundial negando-se a convocar a luta e a greve;

- Haveremos de impor um Congresso nacional de delegados de base, de trabalhadores registrados, autônomos, bicos, desempregados, movimentos sociais, camponeses, sem terras, sejam da base de qualquer central;
- De fato criar um organismo do proletariado capaz de coordenar e preparar os movimentos massivos de ruas e independentes da burguesia;
- Trabalharmos para impor uma greve geral contra o imperialismo, suas reformas e principalmente as greves gerais pelo fim deste regime infame, de fome, miséria, guerras e de barbárie que é o capitalismo;

- **Contras as reformas:** Sindical, trabalhista, em defesa do direito irrestrito de greve, contra as reformas previdenciária e educativa;
- **Defendemos a Educação Pública,** totalmente gratuita, Laica, de qualidade e em todos os níveis. Deixando claro e em bom tom que a luta em defesa da educação pública e de qualidade, com respeito aos professores e estudantes só será conseguida com a incorporação desta bandeira pelo movimento operário, camponês e todas as forças oprimidas em luta com o método da ação direta.

Basta de grupos de trabalho e os fóruns de propaganda!

Basta de campanhas de assinaturas e exigências de auditoria da dívida externa e interna, nenhum pagamento desta miséria e opressão do capital financeiro internacional!

Viva a ação direta das massas, caminho da libertação dos oprimidos e da tática de por abaixo este regime capitalista decadente e em agonia!

Por terra aos sem terras!

Liberdade imediata aos presos políticos de Heras Argentina do MST, dos Movimentos social brasileiro e todos os presos do movimento proletário e camponês do mundo!

Basta de perseguição aos lutadores do movimento operário e popular, basta da criminalização do movimento!

Castigo aos crimes da burguesia e aos assassinos de Jocelia Santos e a todos os assassinos e repressores. Basta de mortes operárias e populares. Autodefesa operária e camponesa contra a repressão e os grupos de fascistas armados pelo grande capital e pelos fazendeiros e latifundiários!

Não a redução da idade penal, que é um ataque a juventude operária e é parte de toda a legislação repressiva que o capitalismo decadente em marcha para a barbárie está implementando contra os trabalhadores!

Nem frente popular, nem farsa de “Revolução Bolivariana”, por um governo dos operários e camponeses pobres!

Trabalhemos pela re-organização Internacional do Proletariado Mundial em um Partido que instrumentalize a revolução proletária mundial pondo abaixo o capitalismo e dando vivas ao Socialismo e ao Comunismo!

Tomemos o destino em nossas mãos, porque a libertação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores!

São Paulo, 9, 10 e 11 de fevereiro de 2007.

**Contatos: *Jornal O Proletário*
Caixa Postal n.º 140 CEP 09910-970, Diadema, São Paulo**